

FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Abril 2017 – ANO LXVIII Nº 2

Panorâmica

*O que pensam
e fazem, hoje,
artistas do
audiovisual
paraibano*



No braço

Cinema não é arte fácil de fazer. Exige tecnologias sofisticadas, além de equipes técnicas especializadas, isto sem falar no corpo artístico, que envolve direção e elenco, mas não exclusivamente. Apesar do requinte, que implica em dificuldades, se rico ou pobre, não importa, quase todo país faz cinema.

No Brasil é assim. Não se conhece um Estado da Federação que, bem ou mal, não tenha sua história de cinema. E a Paraíba, é óbvio, não poderia ser diferente. Por cima de pau e pedra, aqui se faz cinema. E, como se não bastasse, pelo talento de seus criadores e intérpretes, ajuda o país inteiro a fazer cinema.

Diversos curtas e longas metragens, sejam documentários, ficção ou um misto dos dois gêneros, de cineastas paraibanos, como Marcus Vilar, Bertrand Lira, Torquato Joel, Veruza Guerra, Kalyne Almeida e Tavinho Teixeira, entre outros, estão em fase de produção,

No Brasil é assim. Não se conhece um Estado da Federação que, bem ou mal, não tenha sua história de cinema. E a Paraíba, é óbvio, não poderia ser diferente.

alguns já próximos de estreitar nas telas.

Na área de interpretação, por exemplo, Nanego Lira está em *Piedade*, de Cláudio Assis. Zezita Matos figura em *Rebento*, de André Moraes, *Retorno*, de Rafael Dornelas, e *Améns*, de J. Procópio. E Suzy Lopes

tem participação em *Atrito e Crua*, de Diego Lima, *Sol alegria*, de Tavinho Teixeira, e *A ética das hienas*, de Rodolpho de Barros.

Ou seja, ninguém está parado, pelo menos se depender do interesse pessoal. Por isto mesmo, a tradição do cinema, na Paraíba, prossegue, para o bem da memória de Walfredo Rodriguez e de outros pioneiros. Mas nem tudo são flores no jardim das imagens em movimento. As dificuldades se renovam, exigindo muita disposição.

Nesta edição, o *Correio das Artes* faz uma espécie de balanço das novas produções cinematográficas, assim como aponta, pela voz de vários profissionais da área, os problemas que ainda emperram o desenvolvimento da chamada sétima arte, a exemplo da carência de editais e a falta de formação de mais profissionais para o setor.

O Editor

índice



CINEMA

O cinema na Paraíba não para, apesar das dificuldades enfrentadas pelos profissionais do setor, e há muita coisa boa em fase de produção.



LATINOS

Analice Pereira comenta o ensaio de Mario Vargas Llosa sobre Gabriel García Márquez, autor de *Cem anos de solidão*, romance que completa 50 anos.



GERAÇÃO 65

O poeta e ensaísta José Rodrigues de Paiva registra em livro os cinquenta anos da Geração 65. A obra é analisada por Sérgio de Castro Pinto.



CRÔNICA

O poeta e cronista Gil Messias compõe o retrato de um dos profissionais de imprensa cuja atividade é das mais curiosas: a redação de obituários.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510
Redação: 3218-6509/9903-8071
ISSN 1984-7335
editor.correiodasartes@gmail.com
http://www.auniao.pb.gov.br

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luis Tórres

Superintendente
Albigeo Fernandes

Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor de Operações
Gilson Renato

Editor Geral
Felipe Gesteira

Editora Adjunta
Renata Ferreira

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte da capa
Domingos Sávio

Ilustrações e artes
Domingos Sávio, Tônio e Lívia Costa

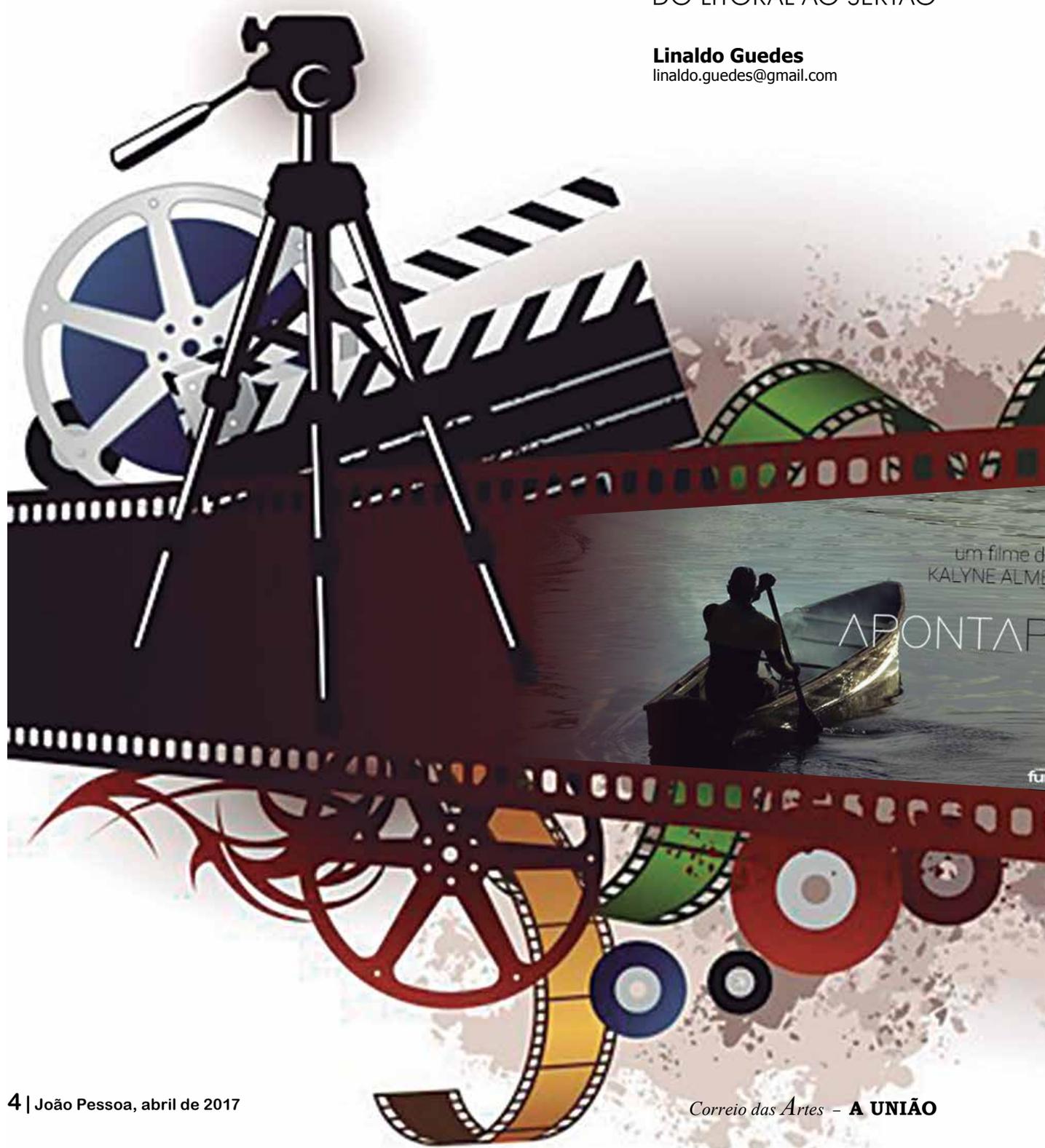


Luz, câmera, Paraíba!

UMA PANORÂMICA DA PRODUÇÃO
AUDIOVISUAL CONTEMPORÂNEA,
DO LITORAL AO SERTÃO

Linaldo Guedes

linaldo.guedes@gmail.com



Luz, câmera... Paraíba! Cada vez mais essa ideia vem sendo repetida nos set de filmagens, seja na Paraíba ou em outros estados do país. O número de produtores, atores, atrizes, diretores e técnicos envolvidos com cinema, no Estado, só tem aumentado nos últimos anos. O fato tem gerado prêmios, mercado de trabalho e prestígio aos nossos artistas, cada vez mais requisitados para participarem de grandes produções no cinema e na televisão nacional.

Em conversa com alguns cineastas e artistas, por exemplo, nossa reportagem conseguiu fazer um breve roteiro de filmes que estão em fase de produção e que contam com direção de nossos cineastas ou participação de nossos artistas. Vejam a lista: *Sina de cigarra*, longa sobre Jackson do Pandeiro, e *Rita no pomar*, de Marcus Vilar; longa sobre Pedro Poty, e

Ambiente familiar, de Torquato Joel; documentário *O seu amor de volta (mesmo que ele não queira)*, de Bertrand Lira; *Piedade*, de Cláudio Assis, com participação de Nanego Lira; *Rebento*, de André Morais, *Retorno*, de Rafael Dornelas, e *Améns*, de J. Procópio, todos com participação de Zezita Matos; *Atrito e Crua*, de Diego Lima, *Sol alegria*, de Tavinho Teixeira, *A ética das hienas*, de Rodolpho de Barros, todos com Suzy Lopes; *Você conhece Derreís*, de Veruza Guedes, *Aponta pra fé*, de Kalyne Almeida, entre outros.

E por que esta efervescência toda, num Estado pequeno, com uma arte considerada como uma das mais caras? Conversamos com diretores, produtores, atores e atrizes para saber o que está rolando nos bastidores e quais são as próximas atrações nas telas do cinema paraibano. ▶



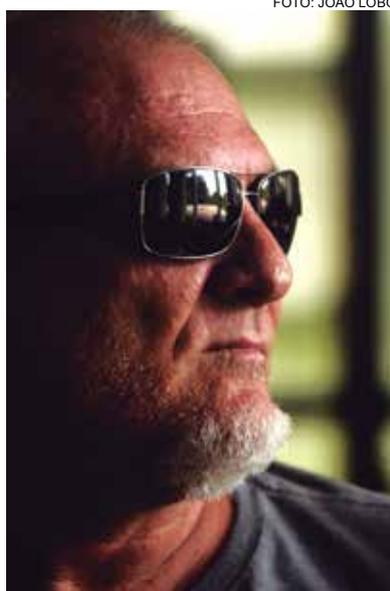


OS EDITAIS COMO SUPORTES DE EVOLUÇÃO

FOTO: JOÃO LOBO

► O cineasta Marcus Vilar lembra que a nossa tradição cinematográfica é muito grande. Vem desde os anos 60, com o filme *Aruanda*, de Linduarte Noronha, marco inicial do Cinema Novo. Também com grande produção de documentários de Vladimir Carvalho e Ipojuca Pontes, entre outros. Mais na frente, por conta da Ditadura, uma parte dos cineastas foi para outros estados, como Manfredo Caldas, Vladimir e outros. “Mas ficou uma produção local – prossegue Marcus -, em Campina Grande com Machado Bitencourt, Romero e Rômulo Azevedo, Umbelino Brasil, aqui, em João Pessoa, Manoel Clemente ficou produzindo algumas coisas ainda”.

Segundo Marcus, depois houve um vácuo muito grande nos anos 70, até que, no final dessa década, surgiu o Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), surgindo, a partir de então, uma nova geração, na qual o próprio Marcus está incluído. “Teve convênio com a França, com o governo francês, do qual participamos eu, Bertrand, Torquato, Henrique Magalhães”, destaca. Relembra que diretores e produtores franceses vinham para a Paraíba e eles foram fazer curso de cinema lá na França. “Então, foi se formando uma nova geração, a ‘Geração do Nudoc’, eu poderia chamar assim. Depois as produções começaram a crescer, porém mais com curtas-metragens. A produção de longas-metragens ficou muito a desejar, como ainda está um pouco. Está começando a surgir agora, alguns projetos”, completa.



Um dos novos filmes de Marcus Vilar, *Sina de cigarra*, conta a vida de Jackson do Pandeiro

Marcus fez um longa sobre Ariano Suassuna (*O senhor do castelo*), Eliézer Rolim filmou *O sonho de Inacim* e Vânia Perazzo rodou *Por 30 dinheiros*, só para citar algumas produções dessa fase. “No momento, o balanço que se faz da produção na área é que aumentou muito, por conta dos editais, das leis municipal e estadual, apesar da fragmentação dessas leis. Não existe uma continuidade. Elas vêm, mas param, passa dois anos sem ter e, quando tem, esse dinheiro às vezes não é repassado com o tempo devido e atrasa muito a produção”, comenta.

Para Marcus, outra coisa importante que está acontecendo é a interiorização do cinema paraibano. Ele destaca o projeto “Viação Paraíba”, de Torquato Joel e Virgínia Gualberto, onde eles

fazem laboratório de roteiros em cidades do interior e, no âmbito desses laboratórios, alguns realizadores foram surgindo. Alguns dos filmes surgidos a partir desses laboratórios já foram exibidos em festivais internacionais, como *Ilha*, de Ismael Moura, com mais de 50 prêmios. O cineasta cita, ainda, os festivais em cidades do interior paraibano, o Cineport e o Fest Aruanda, além de destacar a parceria e o apoio da Universidade Federal da Paraíba na produção local.

No momento, Marcus está envolvido com a produção do filme *Sina de cigarra*, longa-metragem sobre Jackson do Pandeiro que tem codireção de Cacá Teixeira e consultoria de Fernando Moura. No filme, o universo íntimo e musical do artista Jackson do Pandeiro, revelando uma genialidade e originalidade rítmica que influenciaram grandes artistas da MPB. Sua vida foi também marcada por momentos dramáticos e polêmicos, seguindo em paralelo ao seu estrondoso sucesso. Serão apresentados depoimentos inéditos sobre o artista, participação em filmes, programas de rádio, frutíferas parcerias, relações pessoais conturbadas, ostracismo e retomada artística, até sua morte, em 1982, em Brasília (DF). O filme foi aprovado no Edital Walfredo Rodriguez, em 2013, e Funcultura/Pernambuco, em 2014. “Já gravamos oitenta por cento do filme, nas cidades de Alagoa Grande, onde Jackson do Pandeiro nasceu, em 1919, Campina Grande, João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro e Brasília, onde ele faleceu, em 1982”, revela. ►

› A IMPORTÂNCIA DA PROFISSIONALIZAÇÃO

Já o cineasta Torquato Joel está a todo vapor em termos de produção. No momento, desenvolve um roteiro de longa sobre Pedro Poty, um mártir paraibano da nação potiguara, no século XVII, junto com outro diretor e roteirista, Rodolpho de Barros. “O cinema brasileiro precisa urgentemente rever o nosso passado, para entendermos o estado atual das coisas. Além de Poty, este ano realizarei meu primeiro longa documentário, intitulado *Ambiente familiar*, sobre três jovens rapazes que constituíram, sem laços consanguíneos, uma família atípica. *Ambiente* não será um documentário na acepção pura do gênero cinematográfico, iremos nos servir da imaginação, para falarmos livremente do real”, conta. No elenco desta mescla de documentário com ficção, além dos três personagens protagonistas reais, nomes do cinema e do teatro paraibano, como Marcélia Cartaxo, Cely Farias, Soia Lira e Suzy Lopes.

Ao fazer um balanço da sua produção na área, Torquato diz que passou muitos anos no exercício livre da linguagem do cinema, se deixando levar pelo que e como se comovia através da síntese. “Agora me volto para um cinema mais narrativo, bebendo na fonte do clássico, sobretudo porque acredito na urgência de um cinema que dialogue com um público mais amplo, que saia do autoculto do meio. Então me encontro no desafio de fazer longas-metragens tentando equacionar o tom autoral com a narrativa clássica do cinema. Feitos os filmes, um novo desafio virá, que é encontrar uma brecha no perverso mercado da produção audiovisual”, salienta.

Sobre a produção de filmes na Paraíba, defende que é preciso ga-

FOTO: DIVULGAÇÃO - REDE GLOBO



Marcélia Cartaxo está no elenco do longa documentário *Ambiente familiar*, de Torquato Joel

rantir a regularidade do edital estadual. “Sem ele, poderemos ‘morrer na praia’ depois de todo um esforço feito para a produção de filmes na ‘raça’ pela Paraíba afora. Hoje a produção cinematográfica aqui acontece do Sertão ao Litoral, algo ímpar em relação a outros estados da federação. São jovens realizadores produzindo filmes em pequenas e grandes cidades, alguns, inclusive, estão fazendo festivais de cinema em suas comunidades”, acentua. No entanto, segundo Torquato, não se terá grande fôlego se não houver profissionalização. “Chega de fazer filmes só na ‘broadagem’! Além do mais, os editais de cinema são um investimento importante para captação de recursos para o Estado e para a capital. A cada real aplicado em um edital local, a Ancine coloca o dobro do montante. É grana que gera mais emprego e renda, não só para técnicos e artistas do meio, mas para vários outros serviços, como hotéis, restaurantes, locadoras de veículos, etc. E, convenhamos, cinema é vitrine para a cultura de um povo”, desabafa.

Torquato afirma que há uma urgência em capacitação de técnicos em todas as áreas do fazer cinematográfico. “A comprovação desse fato está na constatação da carência de gente qualificada para atender ao volume expressivo de produções do edital da Grande João Pessoa, que agora se torna regular. A criação do curso de cinema da UFPB foi fundamental para a formação, mas não contempla a qualificação de técnicos que atenda nossa demanda. Apesar da crise em curso, o cinema está necessitando de gente para trabalhar em suas frentes. No mais, creio que há um olhar especial e uma expectativa do cinema brasileiro com relação ao que virá da Paraíba num momento em que deixamos quase que exclusivamente de fazermos curtas, para iniciarmos uma produção de filmes de longa duração”, acrescenta. ▶

▶ O LEGADO DAS POLÍTICAS QUE SE FORAM

O cineasta Bertrand Lira está trabalhando no documentário *O seu amor de volta (mesmo que ele não queira)*, aprovado no edital do FSA/FMS Prêmio Walfredo Rodriguez de 2014/2015. “O filme trata da solidão nas grandes cidades, a busca pelo parceiro idealizado, a busca pelo amor perdido e a crença no poder de trazê-lo de volta. Esse tema compõe o quadro de histórias propostas para o documentário”, esclarece. E continua: “Para abordar esse universo, cartomantes e videntes introduzirão os personagens e seus relatos. A proposta é trabalhar com personagens reais narrando suas próprias desventuras amorosas e histórias cotidianas, e, igualmente, incluir atores atrizes que assumirão a história de outros personagens e seus relatos reais ou fictícios”. O projeto, segundo Bertrand, foi aprovado como um telefilme de mais ou menos 50 minutos, mas existe a pretensão de transformar em um longa-metragem. “Isso vai depender do resultado do material captado”, completa. No momento, Bertrand está na fase de pré-produção com a produtora Extrato de Cinema, do cineasta Diego Benevides e outros sócios, pesquisando e contatando os personagens que faltam.

O último filme de Bertrand foi realizado em 2012, um curta chamado *A poeira dos pequenos segredos*, uma ficção de 20 minutos baseada no conto homônimo do escritor paraibano Geraldo Maciel, falecido em 2009. “Nas minhas aulas de roteiro na universidade, eu usava seus contos para os alunos que tinham dificuldade de desenvolver uma história original. Eu guardei esse conto para mim e não usei em aula porque foi o que mais me emocionou. Ele é muito intimista, enigmático, e



FOTO: DIVULGAÇÃO

Além de um documentário, Bertrand Lira lançará livro de ensaio sobre cinema noir



expressa a profunda solidão de uma mulher num lugar isolado, buscando entender os frequentes exílios do seu companheiro”, explica. Ao todo, Bertrand já dirigiu 12 documentários e uma única ficção. “No momento estamos iniciando mais um documentário, possivelmente meu segundo longa-metragem - o primeiro foi *O rebelião* (2008). Para o ano que vem pretendo escrever um roteiro de ficção de longa-metragem, colocando em prática a experiência acumulada nas disciplinas e oficinas ministradas ao longo desses anos. Uma ideia apenas”, declara.

Bertrand ficou desde 2012 sem dirigir nenhum filme porque as obrigações com o ensino lhe tomam muito tempo. Ele dá aulas também no programa de Pós-Graduação em Comunicação do CCHLA (PPGC), da UFPB, com orientações e uma demanda de produção de artigos e apresentações em congressos nacionais e no exterior. Em maio, por exemplo, participará do XIII Congresso de Novela y Cine Negro (cinema noir) na Universidade de Salamanca, Espanha, e logo em seguida, do VII Encontro Anual da AIM - Associação dos Investigadores da Imagem em Movimento de Portugal, que acontecerá em Braga. Por ocasião desses dois eventos, lançará seu livro mais recente. *Cinema noir: a sombra como experiência estética e narrativa*, que também será lançado na Cinemateca de Lisboa.

O livro analisa, pelo viés do tratamento imagético e temático, cinco filmes noirs: *Relíquia macabra* (O falcão maltês), de John Huston (1941), *Envolto nas sombras* (1946), de Henry Hathway, *Almas perversas* (1945) e *Maldição* (1950), de Fritz Lang, e *A marca da maldade* (1958), de Orson Welles, realizados entre os anos 40 e 50, nos Estados Unidos. São filmes do gênero noir e caracterizados, sobretudo, pelos enredos sombrios, em consonância com a iluminação expressionista, com sua fotografia (em preto-e-branco) contrastada e ▶

▷ elaborado uso dramático do claro-escuro - associado a temas mórbidos e macabros -, com toda a carga simbólica que o embate luz-sombra luz representa.

Sobre nossa produção cinematográfica, Bertrand considera que avançou, se comparada às décadas anteriores (anos 90 e anos 2000), por conta da política para o setor empreendida pelo Governo Federal, a partir da chegada de Lula à presidência. “Teve início toda uma política de descentralização e democratização da produção com editais destinados às diferentes regiões. Surgiram também editais locais, tais como o Fundo Municipal de Cultura (FMC) e o Fundo de Incentivo à Cultura (FIC). Atualmente, temos dois editais destinados à produção cinematográfica - o que leva o nome do professor e cineasta Linduarte Noronha (do Governo do Estado) e o Edital Walfredo Rodriguez, uma homenagem ao nosso primeiro cineasta”, observa.

No entanto, Bertrand entende que há uma carência de mais aportes financeiros e de uma maior regularidade desses editais, exatamente porque, com o surgimento dos cursos de Arte e Mídia da UFCG, em Campina Grande, do de Cinema e de Mídias Digitais da UFPB, em João Pessoa, além de uma pulverização de oficinas de formação pelo interior, há um crescente número de novos realizadores com projetos na área. “A Paraíba tem tido presença em diversos festivais no Brasil e em alguns no exterior. Temos uma produção com qualidade estética de outros estados brasileiros e conquistando prêmios lá fora. Temos também festivais e mostras em diversas cidades do Estado, o que ajuda na difusão do que é produzido aqui. Isso tudo é motivo de alegria”, exalta.

AS BOAS NOVAS VINDAS DO INTERIOR

Do interior da Paraíba também vem boas notícias. Veruza Guedes, que tem atuado como produtora e diretora, está atualmente envolvida em três produções. A primeira, na qual assina roteiro e direção, é o documentário/ficção *Você conhece Derréis?*, que faz uma homenagem ao cantor popular bastante conhecido na cidade de Patos (PB) e que tem uma longa carreira musical inspirada em Jackson do Pandeiro, mas, aos 78 anos, ainda engraxa sapatos no centro da cidade. O roteiro foi desenvolvido durante o IV JABRE (Laboratório Para Jovens Roteiristas da UFPB) e ainda se encontra em fase de produção. O filme lança um olhar poético sobre Derréis, sua vida simples, sua paixão pela música. Realizado totalmente em colaboração entre amigos, profissionais do audiovisual e apaixonados pela história de seu personagem, conta com uma equipe que veio de diferentes cidades: Kennel Rógis (Coremas-PB) assina a direção de fotografia, Marcelo Paes de Carvalho (Rio de Janeiro-RJ) a técnica de som, Carlos Mosca (Campina Grande-PB) a direção de arte, Édson Albuquerque (Cajazeiras-PB) a produção local, e George Cabral (Patos-PB) é responsável pela identidade visual. O filme tem previsão de lançamento ainda para 2017.

Além disso, Veruza também faz parte da equipe, no núcleo de produção do filme *Aponta pra fé*, de Kalyne Almeida. Este filme busca mostrar que existe vida e cultura em abundância na região central e histórica da cidade de João Pessoa, a exemplo do Porto do Capim, às margens do Rio Sanhauá, onde a capital paraibana nasceu. Uma ficção tendo como pano de fundo a realidade social e, sobretudo, cultural sob o olhar de Martha, mulher de 25 anos que luta para manter sua estabilidade emocional e afetiva. O enredo e a narrativa do filme giram em torno da pequena Ester, filha única, de Martha e de Tiago, mãe e pai

de Ester. Tiago é ex-pescador da Comunidade do Porto do Capim e Martha se torna uma agente da comunidade, se envolvendo nos projetos sociais do local. A realização é da Grão de Cinema e da Move Moinhos Produções artísticas. Traz Rayssa Holanda e Bruno Goya no elenco principal, com participação mais do que especial de Vó Mera.

Mais recentemente, Veruza assumiu a produção de set do filme *Crua*, de Diego Lima, também pessoense. Com cenas em João Pessoa e em Lucena, traz o cotidiano tenso de uma garota de programa, seus dramas e confusões no centro da cidade. O filme está em processo de gravação, com previsão de estreia ainda esse ano. Traz a atriz Nyka Barros no papel principal

Para Veruza, ao contrário do que se pensa, existe uma efervescência cultural latente voltada para o audiovisual no interior paraibano. “Fruto talvez do número de festivais de cinema, especialmente de curtas metragens, que tem sido constante. Só no sertão são quatro festivais: Festissauro, em Sousa, Mostra Audiovisual Acauã de Cinema Paraibano, em Aparecida, Cinema com Farinha, em Patos, e o Curta Coremas, em Coremas. São esses os espaços onde circulam as nossas produções, onde há excelentes oportunidades de trocas e vivências aprofundadas na área, além de formação e intercâmbio que têm proporcionado o surgimento de muita gente boa na área”, avalia.

Para ela, a Paraíba vive um excelente momento no audiovisual, com produções circulando em festivais e mostras em todo país e fora dele. “Infelizmente, nosso maior entrave tem sido as poucas oportunidades de editais públicos que possam gerar oportunidades de trabalho e liberdade criativa. Muitas produções ainda são feitas de forma colaborativa, entre amigos, o que retarda muito o processo de profissionalização na área”, lamenta.

ARTISTAS PARAIBANOS BRILHAM NO ESCURINHO DO CINEMA

Nossos atores e atrizes também não ficam atrás desse momento efervescente da sétima arte na Paraíba. Em produções locais ou nacionais, cada vez mais eles são requisitados por produtores ou diretores para abrihantarem as películas produzidas aqui e alhures. É o caso de Zezita Matos, a dama do teatro paraibano, que cada vez mais é convidada a participar de produções cinematográficas. Ela está participando do longa de André Moraes, *Rebento*. Está também em outro lançamento, um curta de Rafael Dornelas, formado em cinema pela USP, cujo título é *Regresso*. Em fevereiro fez uma participação no longa de J. Procópio, *Améns*, rodado em Brasília, que provavelmente terá o lançamento no final deste ano ou início de 2018.

Como atriz, Zezita Matos vem fazendo teatro há mais de 50 anos. Sua primeira participação em cinema foi no ano de 1965, no filme de Walter Lima Júnior, *Menino de engenho*. Desde então, ficou sem fazer cinema até 1999, quando Marcus Vilar lhe convidou para participar do curta *A canga*, inspirado no romance homônimo de W. J. Solha. A partir de então foram surgindo convites para curtas e, mais especificamente, para longas, de filmes que se tornaram referências na cinematografia nacional, como *Cinema aspirinas e urubus*, de Marcelo Gomes, *O céu de Suely*, de Karim Ainouz, *Baixio das Bestas*, de Cláudio Assis, e *A história da eternidade*, de Camilo Cavalcante, entre outros, somando seis curtas e onze longas.

Zezita não é de criar expectativas. “Tenho convites para dois curtas, mas infelizmente a política de fomento vem sofrendo muitas cortes. Estamos no

aguardo. Enquanto isto, continuo no nosso Coletivo de Teatro Alfenim, que também sofre das mesmas restrições feitas à sétima arte. Mas a arte sempre sobreviverá, custe o que custar para nós os fazedores dela. Não podemos sucumbir diante destes tempos nefastos”, enfatiza.

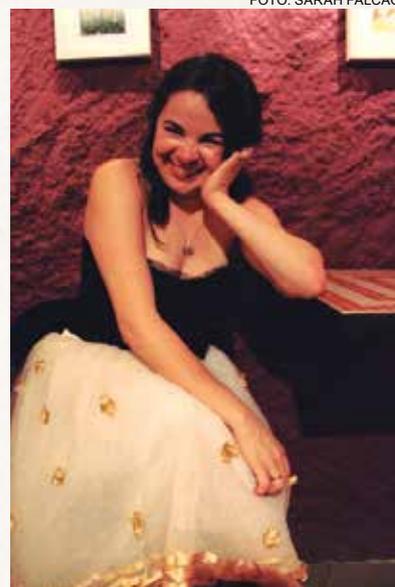
Zezita entende que apesar dos poucos recursos, a produção de curtas paraibanos é muito significativa, haja vista os festivais que, anualmente, vêm acontecendo pelo interior. “Nestes festivais temos visto muitas revelações de jovens diretores, fotógrafos e demais técnicos. Com isto não queremos dizer que não exista muito a aprender e a melhorar, como também produzir mais. Acredito que a melhor forma de aprender é fazendo, testando. Quanto aos longas, ainda estamos longe de uma produção de destaque como a de Pernambuco, por exemplo. Tivemos no ano passado o lançamento do longa de André Costa Pinto, *Tudo que Deus*

Zezita Matos participa de filmes de André Moraes (Rebento), Rafael Dornelas (Regresso) e J. Procópio (Améns)

FOTO: EDSON MATOS



FOTO: SARAH FALCÃO



Suzy Lopes se prepara para três novos filmes: Sol de alegria (Tavinho Teixeira), Crua (Diego Lima) e A ética das hienas (Rodolpho de Barros)

criou e, como falei anteriormente, Rebento, de André Moraes, a ser lançado este ano”, complementa.

Nanego Lira, por sua vez, acabou de filmar com o diretor Cláudio Assis, em Recife. “Cláudio é diretor dos mais polêmicos, tem no currículo fitas emblemáticas, como, *Amarelo manga*, *Febre do rato* e outros. Este novo longa de Cláudio chama-se *Piedade*. Tem no elenco nomes como Fernanda Montenegro e Cauã Reymond, entre outros. A película é ambientada em Recife e fala da chegada das grandes empresas de petróleo que se instalaram na cidade, vitimizando os tubarões que passaram a atacar o surfistas”, antecipa.

Para Nanego, tem-se produzido e realizado bons filmes no Brasil. Ele destaca as produções pernambucanas, cearense e do Maranhão. “Mas em outros estados também se tem produzido filmes significantes e potentes. Eu desejo fazer muito cinema, tenho feito, mas ainda é muito pouco. Tem alguns convites que não estão confirmados, em dois filmes que fiz que têm estreias previstas para este ano: *Zama*, direção da diretora argentina, Lucrécia Martel, e *Azougue*, filme de Tiago Melo, paraibano e pernambucano”, conclui.

Suzy Lopes é outra artista que não para. No ano passado, participou de *Moído*, de Torquato Joel, e da minissérie *Fim do mun-*

do, para o Canal Brasil, numa produção da REC Produtores, do Recife, com direção de Hilton Lacerda e Lírio Ferreira. Ela contracenou com Hermila Guedes, Jesuíta Barbosa, Sofia Freire, Lula Terra e Sandro Guerra, nessa produção. Também no final do ano passado, participou de *Beijo de estrada*, longa de Eliézer Rolim. No filme, faz o trio de irmãs com Natália Sá e Mayana Neiva.

Rodado também ano passado, o filme *Atrito*, de Diego Lima, terá estreia nacional agora na 17ª Mostra do Filme Livre, um festival do Rio de Janeiro, mas que realizam projeção não só no Rio, mas em São Paulo, Belo Horizonte e Recife. “Estou muito feliz com essa estreia nacional de *Atrito*. Esse trabalho mexeu demais comigo, por ter uma temática muito delicada, toca nos tabus da sociedade. Diego é um diretor que embora seja muito jovem, tem me impressionado e me instigado. Seus argumentos estão sempre envoltos de assuntos instigantes, de se levantar uma reflexão”, elogia.

Atualmente, Suzy está se preparando para mais três produções: *Sol de alegria*, de Tavinho Teixeira, em que vai viver uma freira um tanto inusitada, *Crua*, de Diego Lima, que já começou a ser rodado, e *A ética das hienas*, de Rodolpho de Barros, cineasta paraibano que estava estudando cinema na Argentina.

“Esse projeto já estamos conversando tem um bom tempo. Para este trabalho estou estudando muito, me preparando fisicamente e psicologicamente, tenho lido coisas do Direito, pois viverei uma advogada. Estou me dedicando muito para este filme que será rodado na primeira quinzena de abril”, confessa Suzy. O filme foi contemplado no Edital Walfredo Rodrigues e terá o apoio da Embaixada do Brasil na Argentina e da Universidad Del Cine (Argentina). A equipe dos profissionais que estão envolvidos tem paraibanos e argentinos. O elenco é todo paraibano. Além de Suzy, terá Marcélia Cartaxo, Fernando Teixeira, Servílio de Holanda e Daniel Porpino. Os profissionais que virão

FOTO: DIVULGAÇÃO



Nanego Lira está no elenco de *Piedade*, de Cláudio Assis, junto com Fernanda Montenegro e Cauã Reymond

da Argentina são técnicos, como o fotógrafo Sebastian Cantillo e o produtor Felipe Yaryura (Produtora Mama Húngara - Argentina). “Como você pode ver, estou empolgada. Tem meses que penso sobre este trabalho”, celebra.

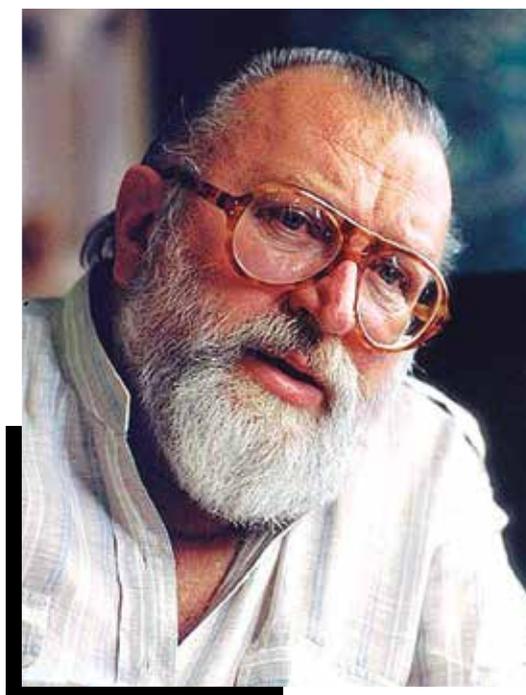
Suzy gosta quando recebe desafios, como neste filme de Rodolpho de Barros. Para a atriz, o cinema paraibano está de parabéns, com muita coisa rolando, muito filme acontecendo. “Ainda é realizado meio que na militância, nossos apoios e incentivos públicos são poucos, mas o fórum de Audiovisual está se fortalecendo cada vez mais. Novos cineastas surgindo com todo gás, isso é muito bom”, comemora.

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Nascido em Cajazeiras (PB), é radicado em João Pessoa desde 1979. Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do *Correio das Artes*. Como poeta, lançou, entre outros, os livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas*, *Tara e outros otimismo* e *Receitas de como se tornar um bom escritor*. E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.

Sergio Leone

O MESTRE SUPREMO DOS
FAROESTES MUITO ALÉM
DOS FAROESTES

Thiago Andrade Macedo
Especial para o *Correio das Artes*



Sergio Leone (1929-1989), o lendário diretor italiano de Por um punhado de dólares, Três homens em conflito e Era uma vez no Oeste

Lembra quando éramos adolescentes, íamos ao cinema em grupos de amigos e saíamos das salas de exibição extasiados, com a sensação de termos vistos um filme incrível, espetacular? “Filmão!” - era o que repetíamos. Pois bem, ninguém soube distinguir tanto o cinema como arte para as massas como o diretor italiano Sergio Leone (1929-1989). Começou muito cedo. Aos dezoito anos, já era assistente do mestre Vittorio de Sica no emblemático *Ladrões de bicicleta*, um dos filmes fundamentais da estética neorrealista italiana.

Leone foi o engendrador definitivo do que poderíamos chamar de “filmões” do século XX - em cenas antológicas e poéticas, podemos perceber: *close ups* qua- ▶



FOTO E ILUSTRAÇÕES: REPRODUÇÃO INTERNET

► se irrealis de tão próximos aos olhos dos personagens; o uso hábil da montagem como efeito dramático; a perfeita harmonia entre música e imagens (com a onipresente colaboração do maestro Ennio Morricone, outro gênio que sabia atingir em cheio o coração do grande público). E sangue, muito sangue. Em suas mãos, o faroeste foi reinventado, quando já parecia estar agonizando. Seu estilo, único. *Camp. Kitsch*. Exagerado. Surreal.

Esqueça John Ford ou Howard Hawks, norte-americanos e mestres do faroeste tradicional.

Estamos no terreno dos *western spaghetti*. A atmosfera e os elementos, estilizados ao extremo, são outros. Leone, criador desse novo segmento do *western*, sabia, como poucos, ler o que o público queria, eis talvez a sua maior virtude: entender que cinema lida basicamente com temas ligados à cultura popular – lutas, duelos, vingança, o senso de maniqueísmo (bem x mal). Assim como outro gênio, Hitchcock (este talvez o maior de todos), Sergio soube usar a escala popular para inserir/ocultar em seus enredos temas mais sofisticados, que esta-

riam, portanto, nas entrelinhas. Sua trilogia sobre o “homem sem nome”, o misterioso pistoleiro que alçou Clint Eastwood à condição de astro, começa com *Por um punhado de dólares* (remake estilizado de *Yojimbo*, o guarda-costas, de Kurosawa) e termina com *Três homens em conflito* (1966), ou *O bom, o mau e o feio*, para os mais puristas que rejeitam algumas adaptações ridículas de títulos feitas no Brasil.

O filme sobre um trio de arruaceiros tem um quê de ritmo de desenho animado. Passado na época da Guerra Civil Ame-



Clint Eastwood, Eli Wallach e Lee Van Cleef: os três homens em conflito de Sergio Leone

▶ ricana, o exagero, muitas vezes, parece ser sua assinatura ou sua marca maior: ruas parecem ter quilômetros de largura; pequenas construções vistas de fora parecem centros de convenções por dentro; os bandidos são enormes e maus ao extremo; os ferimentos exibidos nos tiroteios são absurdamente espalhafatosos. Cinema para as massas, xé-que mate! A cena final então... Será que preciso me referir a ela?! Antológica, uma das maiores da sétima arte: o bom, o mau e o feio (Clint, Lee Van Cleef e Eli Wallach) se encontram para um duelo final em um cemitério – uma das mais imitadas e parodiadas na história do cinema. A coreografia de olhares segue o ritmo da música fabulosa de Morricone. Talvez a maior cena já escrita sobre a cobiça humana.

Corta para *Era uma vez no Oeste* (1968). A coreografia continua, a própria coreografia da morte. Aliás, a “dança da morte”, como alguns críticos da época chegaram a mencionar em suas resenhas. Ainda mais surreal e insano, o *far west* transforma-se em ópera. Os movimentos das câmeras são puro balé. O talento

pictórico de Leone revela-se em magníficas cenas panorâmicas nesta que é provavelmente sua obra-prima definitiva. A música inesquecível e marcante de Morricone continua mesclando guitarras elétricas à orquestração tradicional. Grande arte para as massas! Épico supremo!

Henry Fonda nos mete medo de um modo bem visceral, com seu bandidão assassino Frank, contrariando o seu estereótipo de bom mocismo marcado por interpretações em outras películas. A estonteante Claudia Cardinale e o talentoso Jason Robards (cujo rosto nos lembra, em alguns momentos, o grande ícone cultural brasileiro W. J. Solha) estão corretamente inseridos na trama, ao passo que Charles

Bronson (dono de uma canastrice incrível em outros filmes de outros diretores) de fato nos impressiona, assumindo o papel do “homem sem nome”, ou Harmônica para os mais íntimos (ele passa boa parte de suas cenas tocando uma gaita, persistindo em seu lamento, em busca de sua vingança/redenção). Se em *Três homens em conflito* o ponto alto do filme é a cena final, aqui, em *Era uma vez no Oeste*, a abertura é que é fenomenal: Woody Strode, Al Mulock e Jack Elam esperam por um trem que parece que nunca vai chegar, mas chega. E traz Charles Bronson para o tiroteio que dá início ao filme. Cinema à perfeição: em um suspense que se prolonga no tempo (uma das grandes marcas de Leone), os atores contracenam até mesmo com uma mosca e uma goteira.

Leone ainda nos brindou com *Era uma vez na América*, longo filme de *gangsters* irregular, mas com grandes cenas também, com atuações marcantes de Robert De Niro e James Woods. Morreu cedo, em 1989, aos sessenta anos de idade. Foi um dos grandes diretores de sua geração e da história. Aliás, seu senso de cinema é realmente algo descomunal. Influenciou muita gente, dos irmãos Scott (Ridley e Tony), passando pelo próprio Clint, indo desaguar em John Woo, Besson, Tarantino, Rodriguez & Cia, diretores que com ele (e outro mestre – Sam Peckinpah, “o poeta da violência”) aprenderam a lição de usar a violência para fins estéticos. Leone foi e ainda é pop, moderno, muito antes que seus pares o fossem. Cinema em estado bruto. Inigualável. ✦

Thiago Andrade Macedo é escritor, crítico de música e cinema. Entre suas obras destaca-se o romance *O silêncio das sombras* (A União, 2014). Natural de Viçosa (MG), reside em João Pessoa (PB).

História de um deicídio:

CRÔNICA DE UM ESTILO ANUNCIADO – PARTE I

Analice Pereira

Especial para o *Correio das Artes*

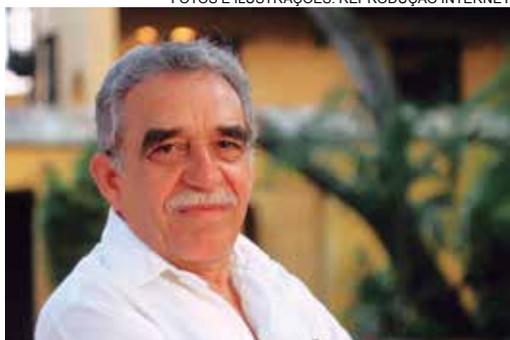
Nós brasileiros, de um modo geral, e por razões diversas, inclusive por nossa formação cultural/escolar/acadêmica, negligenciamos, até sem nos darmos conta, a literatura dos países americanos colonizados por nações latinas, ou seja, a literatura latino-americana. A nossa formação escolar é, praticamente toda ela, voltada para a produção artística e cultural da Europa. Nas últimas décadas, isso tem mudado um pouco no ambiente escolar. Devido aos avanços das tecnologias e, por isso, ao encurtamento das distâncias, nosso olhar também se volta para literaturas de outras nações. Já podemos até festejar um pouco o fato de já se ler literaturas africanas de língua portuguesa na escola. Mas ainda é muito pouco e isso é papo para um outro momento. O que interessa agora é registrar o fato de a literatura latino-americana ser pouco, ou quase nada, lida, divulgada, discutida, nas nossas salas de aula brasileiras, entre nossas crianças e jovens. Arrisco até dizer que pouco estudada nos cursos de letras espalhados pelo país. E por quê? Cada um poderá ter sua resposta. Mas em linhas gerais, podemos entender que (e aqui estou tratando quase que exclusivamente dos conteúdos curriculares priorizados em nossas escolas e já pre-

vistos num esquema curricular que se quer nacional) não há espaço nem tempo para se dar a devida importância aos produtos artísticos e culturais de nossos países vizinhos. Nem fazemos o menor esforço para criarmos esse espaço. Portanto, marginalizamos-os mais do que já o são. Infelizmente. Isso se constitui, portanto, uma dívida que temos com nossos vizinhos geográficos e nossos irmãos de história.

E assim chegamos em 2017 (somando mais de quinhentos anos de história vivida com esses irmãos, que quase não visitamos), um ano emblemático para a América-latina por duas razões: celebra-se, neste ano, meio século de *Cem anos de solidão*, romance do colombiano Gabriel García Márquez; e noventa anos de nascimento do autor, que infelizmente já não está entre nós. As datas não podem, portanto, passar em branco e, certamente, não passarão. Creio que testemunharemos, via tevê, internet e afins, as várias celebrações que se farão a esse autor e seu romance ao longo do ano e nos mais diversos lugares desse planeta. Não poderíamos, portanto, ficar de fora desse momento de reconhecimento e de reflexão que, embora esteja focado numa obra e seu autor, não deixa de promover outros debates sobre a produção literária do nosso continente. Não deixa de ser, também, um momento importante para minimizar nosso débito perante essa produção, sobretudo no que se refere ao ensino de literatura.

Dizer que *Cem anos de solidão* é um dos maiores romances latino-americanos é inquestionável, até porque ele se encontra na lista dos melhores da literatura universal. É um cânone. Não somente porque uma fatia importante da crítica literária

FOTOS E ILUSTRAÇÕES: REPRODUÇÃO INTERNET



Gabriel García Márquez, autor de Cem Anos de solidão, lançado há 50 anos

especializada assim o classificou. Mas, também, porque se trata de um romance traduzido para várias línguas e, portanto, bastante lido em todo o mundo; um livro que, mesmo apresentando uma estrutura narrativa complexa, alcançou grande popularidade porque sua linguagem (sua escritura), seus temas, bem como o seu caráter fantástico, mágico, anedótico, a sua fabulação, digamos assim, é de alcance de todos, inclusive dos leitores mais desavisados. Dizem até que é mais vendido e mais lido que o popularíssimo *Dom Quixote*, de Cervantes. Só para ficarmos entre os cânones de língua espanhola.

Aqueles que leram *Cem anos de solidão* é que sabem do arrebato e da perturbação que o romance causa; do talento de um escritor que se destaca, não somente porque escreveu um livro importante, mas, também, porque doou sua vida a um projeto literário que envolve temas e formas complexos e técnicas narrativas minuciosamente elaboradas. E para falar um pouco dessas questões, e a propósito do aniversário de cinquenta anos de *Cem anos de solidão*, trago um ensaio crítico em que o ensaísta, a partir de um

envolvimento, de certa maneira incomum no meio acadêmico, com a obra de um escritor, e de um rigor surpreendente, esgota sua análise-interpretação, com profundidade, detalhamento e clareza, ao mesmo tempo. Trata-se da tese de doutoramento do escritor peruano Mario Vargas Llosa, apresentada à Universidade Complutense de Madrid, em 1971, sob o título *García Márquez: lengua y estructura de su obra narrativa*. Ao ser publicada, a tese recebe o seguinte título: *García Márquez: historia de un deicidio*.

As razões que colocam *Cem anos de solidão* entre as obras literárias mais importantes da América Latina são várias. Apontá-las é um dos objetivos de Llosa em seu ensaio. Convido-o aqui para comemorar o aniversário de meio século desse romance que tem o tempo como um de seus temas, mas também como elemento narrativo. Por mais fantástico que seja o seu aspecto fabular, na tentativa de se distanciar da realidade ao mesmo tempo em que dela se alimenta, perfazendo-se num “realismo mágico”, o tempo narrativo desse romance é o que está inscrito no seu título: a história envolve sete

gerações de uma família, os Buendía. A construção de um espaço narrativo – a pequena Macondo – também está aliada a esse tempo, já que o que caracteriza o romance como “novela total”, nos termos de Llosa, é, justamente, tratar-se de uma narrativa, cujo tempo-espaço corresponde à sua totalidade, ou seja, desde o surgimento de Macondo até o desaparecimento no mapa imaginário em que o leitor é inserido. É sobre esta, dentre outras questões, que a análise de Llosa discorre.

O título do ensaio – *García Márquez: historia de un deicidio* – que consta de 700 páginas em média¹, já de cara seduz o leitor ao mesmo tempo que o provoca. Afinal quem é esse Deus que o escritor assassina, ou tem ganas de assassinar, em seu projeto literário? Uma leitura possível do ensaio permite compreender que Deus é uma metáfora da realidade, entendendo-se por realidade o que está na vida, contra a qual o escritor se rebela, motivado por uma profunda insatisfação. É possível entender, portanto, que Deus é “realidade”, é “vida”, no sentido de ser algo que está posto, ou seja, é o que se apresenta. O escritor-deicida “suplanta” esse Deus porque ficcionaliza essa realidade.

Dividindo em duas partes – *La realidad real; La realidad ficticia* – que se subdividem em tópicos, o ensaísta verte sua discussão para aspectos que compõem a representação literária da realidade humana em seu âmbito tanto individual quanto social. A importância do ensaio de Vargas Llosa como referência para os leitores que pretendem conhecer e compreender, por exemplo, como se deu o processo de produção de um dos maiores romances da literatura latino-americana rumo, portanto, no sentido de discutir de que forma essas realidades



¹ Esgotado nas livrarias brasileiras e, talvez, até mesmo nos sebos, é possível lê-lo em versão digitalizada. Para essa resenha, foi lido em versão PDF, constando de 757 páginas, sem demais dados de publicação, como editora, local e data. No entanto, é possível encontrar o livro disponível em versão on-line (707 páginas) no site: <https://pt.scribd.com/document/318204842/Historia-de-un-deicidio-Mario-Vargas-Llosa-pdf>

► (real e fictícia) são estruturadas na obra de García Márquez, desde os seus primeiros escritos, até tomar a forma consistente e madura em *Cem anos de solidão*, o que colocou esse romance entre os melhores da América-latina do século XX, quiçá, do planeta e de todos os tempos. E, para analisar essas “realidades”, Llosa se vale de vários materiais: desde depoimentos do próprio Gabo, passando por depoimentos de amigos, críticos, escritores etc., enfim de leitores de García Márquez, servindo-se, portanto, de uma espécie de mosaico sobre a recepção da obra do escritor colombiano, basicamente contemporânea à sua publicação, tendo em vista que o romance é de 1967 e Llosa apresentou sua tese em 1971. Ou seja, àquela altura, a leitura de Llosa era contemporânea à publicação do romance.

Pelos depoimentos apresentados por Llosa, podemos ter acesso às críticas negativas a Márquez, o não reconhecimento da qualidade de sua literatura, ratificando, portanto, a dificuldade de se ser contemporâneo de si mesmo, quando o tema é criação artística. À crítica literária cabe, em se tratando de estudos contemporâneos, uma tarefa um tanto difícil, pois é permeada por certas limitações e uma delas é a proximidade (no tempo) entre leitor e obra. Porém, Vargas Llosa ultrapassa esses limites e se mostra, pelo ensaio que desenvolve, um analista bastante atento, e cujo olhar se desprende, em certa medida, de conceitos teóricos já estabelecidos e que, muitas vezes, tendem a engessar a análise-interpretação e, até, a “forçar a barra” nessa necessidade, meramente acadêmica, de comprovar ideias. Pelo contrário, Llosa mergulha no romance para emergir com elementos de análise, tanto temáticos como formais; entra em cumplicidade com o texto para poder esmiuçá-lo interpretativamente. E, para isso, ou a partir do que o próprio romance oferece, e sistematizando seu raciocínio, Llosa também não deixa de teorizar sobre a forma romanesca e, mais amplamente, sobre o texto narrativo de um modo geral, ao discutir con-

ceitos recorrentes e pontuais em sua análise, como por exemplo: “deicida”, “vocação de escritor”, “demônios de escritor”, “ambição totalizadora”, “suplantador de Deus”, “elemento *añadido*”, “estrutura circular”, “vontade de totalidade”, “versão agigantada”, “sistema (estratégia) dos vasos comunicantes: a fusão entre o plano do narrador e o plano do narrado”, “irrealização” ou “procedimento irrealizante”, “muda (transição, transposição de uma natureza a outra: *muda el tiempo*)”, “desobjetivação da realidade fictícia” etc.

Llosa assinala as atividades profissionais da vida do escritor colombiano (jornalista, publicitário e cineasta), desenvolvidas paralelamente a sua produção literária em início de carreira, como relativos contributos para o processo criativo do escritor no campo específico da literatura. O raciocínio do ensaísta, no desenvolver de sua discussão, leva-nos a entender que, de alguma forma, o que está experienciado na vida pelo escritor servirá para sua inventividade, seja para confirmar, seja para negar, seja para *añadir*; nas palavras do ensaísta: para se tornar um deicida. As dificuldades pelas quais García Márquez

passou, por exemplo, também serviram como matéria-prima para seu processo criativo, mesmo que Márquez não concorde com isso, afinal ele defendia a profissionalização do escritor, no que se refere à possibilidade de se dedicar, integral e exclusivamente, à tarefa de escrever. Vejamos em suas próprias palavras: *Yo no estoy de acuerdo con lo que se decía antes: que el escritor tenía que pasar trabajos y estar en la miseria para ser mejor escritor. Yo creo de veras que el escritor escribe mucho mejor si tiene sus problemas domésticos y económicos perfectamente resueltos, y que mientras mejor salud tenga y mejor esté su mujer, dentro de los niveles modestos en que nos podemos mover los escritores, siempre escribirá mejor.* (p. 234/235)

Mas em se tratando de certos problemas, vivenciados por Márquez, como por exemplo, o fato de ter um livro – *La mala hora* – adulterado por uma editora madrilena, o fracasso dos livros anteriores a *Cem anos de solidão*, além dos quatro anos de silêncio literário ocasionado pelo trabalho com cinema e como redator publicitário serviram, no raciocínio de Llosa, como um período de autocrítica para o escritor. O resultado disso, conforme assi- ►



► nala o ensaísta, foi uma mudança radical no estilo, fazendo-nos entender que o amadurecimento de um escritor se dá de forma processual. Noutros termos, aquilo que torna *Cem anos de solidão* uma obra maior já vinha sendo investido nos contos e nos romances anteriores. Nessa mudança de estilo, Llosa aponta um projeto literário de “*edificación de la realidad ficticia*”.

A primeira parte do ensaio – *La realidad real* – é subdividida em duas partes: *La realidad como anécdota* e *El novelista y sus demonios*. Em *La realidad como anécdota*, Llosa convida o leitor para uma excursão sobre o que foi a vida de Márquez, desde sua infância, para explicar o quanto há da vida vivida, tanto de episódios reais quanto de pessoas reais, no interior das suas obras de ficção. Como um dos principais exemplos, cita Dom Nicolás, o avô materno de Gabriel García Márquez, que aparece representado ficcionalmente em vários de seus textos. O Coronel Aureliano Buendía, em *Cem anos de solidão*, é personagem construído a partir de elementos vários trazidos pelo avô do escritor, como por exemplo: a culpa de um homicídio; a sua descendência bastarda. O caráter anedótico é desenvolvido, assim, em sua ficção, como um dos elementos principais. E assim como seu avô Nicolás, vários outros elementos (pessoas, fatos históricos, situações pessoais etc.), denominados por Llosa como “demônios de escritor” aparecem em sua literatura como representações anedóticas.

É no segundo tópico da primeira parte – *El novelista y sus demonios* – que Llosa mostra, pelos elementos formais das obras de García Márquez até *Cem anos de solidão*, alguns “demônios do escritor”, considerados como pessoais, históricos e culturais. Llosa chama de “demônios” as motivações que perseguem o escritor em prol de um projeto literário, contribuindo, assim, para sua vocação e fazendo dele um *deicida*. E o que Llosa chama de *deicidio* nos proporcionará uma compreensão bem mais ampla de um escritor, não só

ao analisar a sua obra, mas, ao analisá-la, valeremo-nos de aspectos biográficos importantes que, obviamente, não determinam, mas, de alguma maneira, contribuem para um resultado, que pode ser medíocre ou genial. No caso de García Márquez é até redundante assinalar que se trata de um resultado genial. Vejamos, nas palavras de Llosa:

ESCRIBIR novelas es un acto de rebelión contra la realidad, contra Dios, contra la creación de Dios que es la realidad. Es una tentativa de corrección, cambio o abolición de la realidad real, de su sustitución por la realidad ficticia que el novelista crea. Éste es un disidente: crea vida ilusoria, crea mundos verbales porque no acepta la vida y el mundo tal como son (o como cree que son). La raíz de su vocación es un sentimiento de insatisfacción contra la vida; cada novela es un deicidio secreto, un asesinato simbólico de la realidad. (p. 88)

Esse “*sentimiento de insatisfacción contra la vida*”, de que

O Coronel Aureliano Buendía, em *Cem anos de solidão*, é personagem construído a partir de elementos vários trazidos pelo avô do escritor, como por exemplo: a culpa de um homicídio; a sua descendência bastarda.

fala Llosa, e que irá fazer do escritor um *deicida*, ou seja, um assassino simbólico da realidade, um suplantador de Deus, é impulsionado pelos demônios com os quais o escritor convive e que são, ao fim e ao cabo, o seu combustível para o fazer literário. O *demônio da solidão* foi, portanto, aquele que, dentre os que povoam o processo criativo de Márquez, nunca o abandonou, segundo ele mesmo. Foi tema primordial, até tomar forma consistente na sua obra maior, que conduz o tema a resultados literários extraordinários e já o traz (o tema) no próprio título: *Cem anos de solidão*. Os demais demônios, Llosa define como sendo os três tipos de experiência de que a literatura de García Márquez se alimenta, em doses distintas, mas com equilíbrio: fatos vividos pelo escritor (pessoais); experiências coletivas de seu mundo (históricos); e fontes literárias, além da música, artes plásticas, filosofia, religião, ciências (culturais). A casa de Aracataca, da infância de Gabo, por exemplo, é mote para *Cem anos de solidão*. A casa de Aracataca é, portanto, um dos seus demônios. Nas palavras de Llosa: “*enfrentarse con su infancia hizo de él, definitivamente, un escritor.*” (p. 32).

Dentre esses demônios de Márquez, pontuados por Llosa, vale destacar aqueles que o ensaísta considera como sendo culturais, ou seja, os escritores e os livros que García Márquez leu desde a sua infância e adolescência e até os tempos de suas atividades de escritor. Dentre esses escritores, encontram-se: Kafka, Faulkner, Hemingway, Sófocles, Virgínia Woolf, Rebelais, Borges, Defoe, Camus, além de obras importantes para sua formação como *As mil e uma noites* e as novelas de Cavalaria. Como se pode observar, trata-se de um universo literário que já compõe uma tradição. Tanto no que se refere aos temas quanto no que se refere às estruturas. E, nesse sentido, ou exatamente por isso, Llosa conclui essa primeira parte do seu ensaio ►

▶ discutindo uma questão muito interessante: García Márquez é “un creador bárbaro”. Como assim? Llosa contrapõe país civilizado a país bárbaro, tendo como questão principal a da tradição cultural. Vale-se, assim, de uma fala de García Márquez para empreender em sua discussão a questão do “criador bárbaro”. Vejamos o que diz Márquez: “No teniendo en Colombia una tradición que continuar, tenían que empezar por el principio y no se empieza una tradición literaria en 24 horas”. (p. 230). No caso de Márquez, portanto, para ser um “suplantador de Deus”, ele tem de se inventar, já que não há uma tradição literária, nas palavras de Llosa, “como un punto de partida, para ir más adelante, vitalizando o renovando las estructuras ideológicas, míticas y lingüísticas de su mundo, o que, al contrario, podrá ser para él un lastre, un freno que lo reducirá al papel del repetidor o del epígono si no tiene el genio necesario (la energía, la paciencia, la terquedad) para romper la coacción cultural del propio médio”. (p. 231). Márquez é, portanto, um “criador bárbaro” e se vale da vantagem de o ser: a vantagem da originalidade. García Márquez é um “criador bárbaro” (como foi Borges, por exemplo) porque, no mundo “marginalizado” e sem tradição, como é o mundo latino-americano, o menos pode significar mais. É possível verificar, portanto, que Llosa vincula sua concepção de tradição, especificamente nessa discussão, a uma concepção de nacionalidade. E tudo isso no sentido de reivindicar para Márquez a primazia do gênio.

Na segunda parte do livro – *La realidad ficticia* – Llosa analisa obras de Gabriel García Márquez, anteriores e posteriores a *Cem anos de solidão*, mas direcionando seu raciocínio à análise desse romance, com o objetivo de investigar a escritura de obras isoladas, mas que constituem parte de um projeto literário. Resenharei essa segunda parte para a próxima edição do *Correio das Artes*. Por ora, fiquemos com



Mario Vargas Llosa, autor do ensaio *García Márquez: historia de un deicidio*

as palavras de Márquez sobre o quanto as suas experiências pessoais determinaram a sua vocação de escritor, no sentido de se apropriar de uma realidade com a tarefa de ficcionalizá-la; de assassiná-la simbolicamente. No caso de *Cem anos de solidão*, a realidade em que se constitui a casa de Aracataca, da infância de Gabo, transforma-se em realidade fictícia, figurativizada pela casa dos Buendía, que constitui o espaço narrativo central, portanto, força motriz, a partir da qual os demais elementos se desenvolvem na arquitetura narrativa do romance.

Bueno, ocurrió un episodio del que, solamente en este momento, me doy cuenta que probablemente es un episodio decisivo en mi vida de escritor. Nosotros, es decir mi familia y todos, salimos de Aracataca, donde yo vivía, cuando tenía ocho o diez

años. Nos fuimos a vivir a otra parte, y cuando yo tenía quince años encontré a mi madre que iba a Aracataca a vender la casa esa de que hemos hablado, que estaba llena de muertos. Entonces yo, en una forma muy natural, le dije: «Yo te acompaño». Y llegamos a Aracataca y me encuentro con que todo estaba exactamente igual pero un poco tras-puesto, poéticamente. Es decir, que yo veía a través de las ventanas de las casas una cosa que todos hemos comprobado: cómo aquellas calles que nos imaginábamos anchas, se volvían pequeñas, no eran tan altas como nos imaginábamos; las casas eran exactamente iguales, pero estaban carcomidas por el tiempo y la pobreza, y a través de las ventanas veíamos que eran los mismos muebles, pero quince años más viejos en realidad. Y era un pueblo polvoriento y caluroso; era un mediodía terrible, se respiraba polvo. Es un pueblo donde fueron a hacer un tanque para el acueducto y tenían que trabajar de noche porque de día no podían agarrar las herramientas por el calor que había. Entonces, mi madre y yo, atravesamos el pueblo como quien atraviesa un pueblo fantasma: no había un alma en la calle; y estaba absolutamente convencido que mi madre estaba sufriendo lo mismo que sufría yo de ver cómo había pasado el tiempo por ese pueblo. Y llegamos a una pequeña botica, que había em una esquina, en la que había una señora cosiendo; mi madre entró y se acercó a esta señora y le dijo: « ¿Cómo está, comadre? » Ella levantó la vista y se abrazaron y lloraron durante media hora. No se dijeron una sola palabra sino que lloraron durante media hora. En ese momento me surgió la idea de contar por escrito todo el pasado de aquel episodio. (p. 94/95) ✦

Analice Pereira é crítica de literatura, ensaísta, contista e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Mora em Belo Horizonte (MG).

Autores e livros em contraponto

José Mário da Silva

Especial para o *Correio das Artes*

Competente professora universitária, já tendo dado a sua qualificada contribuição aos cursos de letras da Universidade Federal da Paraíba, tanto em Campina Grande quanto em João Pessoa, e intelectual portadora de indiscutível valor, a professora Neide Medeiros Santos brinda-nos com a publicação da sua mais recente obra: *Autores e livros em contraponto*, reunião de cinquenta e cinco artigos, na verdade curtos e instrutivos ensaios, selecionados dentre os mais de trezentos que, ao longo de vários anos, ela vem publicando na imprensa pessoense, mais precisamente no jornal *Contraponto*, idealizado e dirigido pelo jornalista João Manoel de Carvalho, no qual ela pontifica como uma das mais qualificadas colaboradoras.

O título do livro da professora Neide Medeiros abriga uma sutil e sugestiva ambiguidade. No plano da denotação, sinaliza para o território no qual os autores e livros apreciados por ela aparecem com recorrente regularidade, o jornal *Contraponto* a que aludimos anteriormente. Já no plano da conotação, remete para o fecundo e criativo diálogo que ela trava com uma impressionante gama de escritores com os quais ela convive diuturnamente, movida pelo encantamento que as estórias provocam em sua inteligência e sensibilidade; e pela crescente paixão que ela nutre por uma fantástica experiência humana chamada leitura. Leitura que propicia ao ser humano o privilégio de alargar as fronteiras da sua existência e, ato contínuo, viver todas as vidas possíveis, que nascem tanto da observação mais atenta do cotidiano quanto das libertárias viagens promovidas pela imaginação humana.

Nesse sentido, o contraponto sinalizado pela professora Neide Medeiros lembra-nos um dos procedimentos adotados por um músico na execução de uma determinada partitura; uma maneira bem peculiar de se solfejar uma música de modo criativo, com a intenção de captar modalidades diferentes de manifestação da beleza harmônica, melódica e rítmica de uma canção. O contraponto, dialógico por natureza, delinea outra voz a deslizar no enredo do texto que se tem para cantar. O contraponto é, no (des)limite, o gesto subjetivo e autônomo da leitura, arte-ciência da recriação de sentidos que o leitor proficiente opera no corpo do texto e no dorso escorregadio da linguagem que o organiza e lhe dá suporte. Contraponto é a voz da leitora Neide Medeiros em

FOTO: ORTILO ANTÔNIO



A professora Neide Medeiros Santos reuniu artigos em Autores e livros em contraponto

interação com as múltiplas vozes que pontificam na ontologia íntima das múltiplas obras literárias examinadas por ela.

Voltada para o universo da literatura infanto-juvenil brasileira, da qual Neide Medeiros é uma reconhecida especialista, o livro da autora paraibana é portador de numerosas virtudes, sendo o primeiro deles, o que mais me chamou a atenção, a variedade de autores e obras percorridos pela ilustre professora, o que reforça a sua condição de pesquisadora atenta ao que se produz nessa seara.

Lendo o livro de Neide Medeiros, temos uma alargada visão de como é pujante a literatura infanto-juvenil em nosso país; e como ela é rica de obras de qualidade, e de autores extremamente cuidadosos na difícil tarefa de escrever ▶

▶ literatura para crianças e jovens, sem pieguismos ou doutrinações autoritárias, mas com leveza, inventividade, investimento estético e substancialidade humana, o que, conforme exaustivamente mostrado pela professora Neide Medeiros, faz com que o texto seja válido para qualquer pessoa, independentemente da faixa etária por ela ostentada.

Assim, em *Até passarinho passa* o mestre Bartolomeu Campos de Queirós, com singular lirismo, toca numa das mais antigas e atuais temáticas da condição humana, que é exatamente a irreprimível passagem do tempo, que, se por um lado, confere ao homem os signos da maturidade, por outro, nele crava as impiedosas garras da melancolia, afiadas com o inexorável sentimento de perda que tal passagem acarreta.

Recordo-me, aqui, do pungente poema “Versos à boca da noite”, de autoria de Carlos Drummond de Andrade. É claro que esse desconfortante temário, à luz das percucientes observações de Neide Medeiros, é abordado com delicadeza e aliciente lirismo, com a dosagem artística certa, somente passível de ser encontrada nas hábeis mãos de um mestre da escrita literária do porte de Bartolomeu Campos de Queirós.

Em *Vicente em palavras*, Caio Riter, polifonicamente, enfrenta o dramático tema da morte de um jovem, bem como os desdobramentos que ela promove no interior de uma família. O código onomástico apreciado por Neide Medeiros é vasto, citá-lo é exercício ocioso. O importante é a constatação de que no oceano caudaloso da produção literária para crianças e jovens, a nossa ensaísta não é parcimoniosa em seus mergulhos interpretativos; antes, revela a ambição de estar por dentro de cada onda e borbulho que se produz nessas águas saturadas de incomum beleza estética e comovente verdade humana.

Outra virtude que norteia o delicioso livro de Neide Medeiros é o estilo linguístico em que ele está redigido em todos os textos que o compõem. Estilo despojado, bandeirianamente desejoso de sentir as coisas mais simples;

e, de igual modo, portador de alto poder comunicacional.

Neide Medeiros escreve como quem fala; uma fala culta, é óbvio, mas sem o detestável ranço dos teorismos mal pensados, mal entendidos e mal formulados, procedimentos que findam entediando o leitor e o afastando do texto. Ao terminarmos a leitura de cada um dos textos produzidos pela professora Neide Medeiros, nós ficamos com o irrefreável desejo de ler todos os livros sobre os quais ela se pronuncia com tanta clareza.

Nesse particular, ela cumpre um dos papéis da crítica literária em sua indeclinável função de promover o encontro entre o texto e o leitor. Neide Medeiros, no exercício de sua simplicidade apreciativa e comunicacional, reconta-nos as histórias lidas, entremeando-as com as contribuições advindas da teoria literária, consorciadas à sua sensibilidade particular na recepção do texto estético.

Aqui, as achegas teóricas, sempre importantes, nunca ocupam o primeiro plano das abordagens empreendidas, antes, de modo discreto e parcimonioso, atuam como ferramentas, instrumentos pedagógicos que ajudam o intérprete na fascinante aventura da recriação dos textos analisados.

Afrânio Coutinho dizia que a ausência de teoria literária torna os estudos de literatura sinônimo da filosofia do achismo. Já Eduardo Portella afirmou que, ignorada a teoria literária, o que resta é o império do palpite emocionado, mas ingênuo, tão eufórico quanto completamente desassistido de qualquer vestígio de fundamentação epistemológica.

O ponto é fazer com que a teoria não finde virando uma camisa de força a ser autoritariamente imposta ao texto. Ao se reportar à escritora Ângela Lago, Neide Medeiros afirma que “A simplicidade nos livros que escreve está presente de formas diversas: não apresenta artificialismos linguísticos; sabe escolher as palavras certas para externar o conteúdo literário; diz o máximo com o mínimo de palavras; escreve com leveza e poeticidade”.

Tal juízo de valor cabe perfeita-

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Caio Riter, autor do livro *Vicente em Palavras*

mente ao texto da professora Neide Medeiros, sempre matizado pelo signo da simplicidade. Por fim, *Autores e livros em contraponto* mostra-nos, à exaustão, uma autora para quem a literatura, sobre ser uma arte fascinante, é, sobretudo, um território mágico e simbólico, em cujo estuário pontificam as mais significativas experiências humanas.

O mestre goiano Wendel Santos, de quem Neide Medeiros teve o privilégio de ser aluna, em sua notável obra: *Crítica – Uma ciência da literatura*, afirmou que a literatura é, dentre todas as artes existentes, a que revela o ser humano de maneira mais profunda, porque o faz nas suas mais variadas modalidades manifestativas.

A lição do eminente criador de *Os três reais da ficção* reverbera nos instrutivos textos da professora Neide Medeiros. Lendo as suas apreciações, entramos em contato com o universo do medo, da solidão, do amor, da esperança, das utopias, da fé, da dura luta pela sobrevivência, da linguagem; enfim, de tudo o que compõe o universo existencial do que é humano, demasiadamente humano. ✦

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB).

Poemas paraibanos
(do livro *Poemail*, inédito)

birô cajazeirense

1

na mesa de leituras o
silênciodacovadosmortos

saturação e vazio
em diligências

waste land do
trato caatinga

imobilidade
cacto-olho

ad
verso

2

sertão
antiviço

hospício mar
tírio

pro
pício

**o que seria de lampião
sem o ponto cruz**

o céu o sol o sertão
cem centos pontos facas

balas & cactos
lâminas & lixas

ajuizamentos
de ideias sérias & pillhérias

lâmpião
em conceição

bornal em zelosa karmaçãoarmada
: ponto cruz

metalsol

1

cem ondas carregadas
cem sóis
adensados

adentram
dentam
séculos

2

cabra
cabaça
cabaceiras

jaca
cajá
cajazeiras

3

e o céu
do sertão
se estira

limpo
vasto
avaqueirado

amplo
lindo
lampionado

noites certeiras

gaiato planeja
cuspir
na poesia
do poeta

porradas
no balcão
da bodega

bem feito
não se mete

a abestado
com poeta apestonado

quando
é noite

de quinta
na sexta

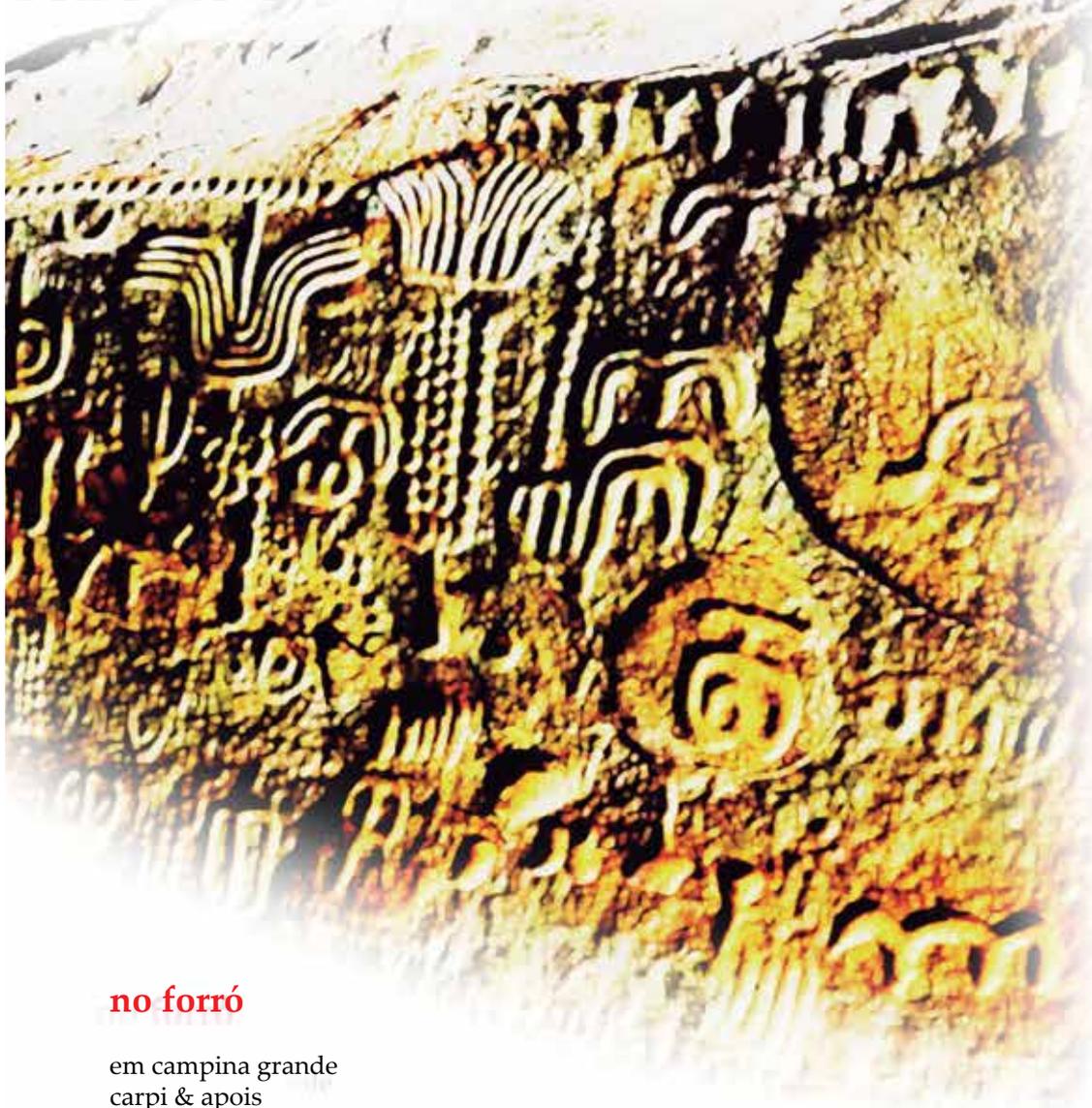
ou sexta
pra **sábado**

no alto
ser(t)ão

pedras de fogo
paraíba

fica
ligado

beiro Neto



no forró

em campina grande
carpi & apois

bebo danço voo
tudo tão feliz

que nem
ouso dizer

: mônadas
: leibniz

meio-dia em patos

a gente
sesprita na rede

cum só
sol-apoplexia

dezembro em João
Pessoa

garças
brancas

ipês
amarelos

todos
nós

d/e/s/a/r/v/o/
r/a/m/o/s

pedra do ingá

na
pe

dra
do

in
gá

vi
lá

o
mar

co
de

um
ri

o
gra

fi
te

que
o

tem
po

pi
chou



Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico literário e professor titular do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Publicou, entre outros livros, *Lirismo com siso: notas sobre poesia brasileira contemporânea* (crítica, 2015), *Ahê-ê-ê-oxe* (poesia, 2015), *Turbilhões do tempo: notas e anotações sobre poesia digital* (ensaios, 2015), *A linguagem da poesia* (teoria, 2014), *Muitos: outras leituras de Caetano Veloso* (crítica, 2010) e *Barrocidade* (poesia; 2003). Natural de Cacunde (SP), mora em João Pessoa (PB). Contato: amador.ribeiro17@gmail.com.



Augusto para a Eternidade



Na construção do *Eu*, sem contar com *Outras poesias*, Augusto dos Anjos se refere à mônada três vezes: em “Monólogo de uma Sombra” (segunda estrofe, verso 2), em “Sonho de um Monista” (segundo quarteto, verso 3) e em “Mistérios de um Fósforo” (décima oitava estrofe, verso 1). Nas três vezes, a palavra aparece adjetivada: *ignota mônada*, *mônada esquisita* e *mônada vil*, respectivamente. As perguntas que devem ser feitas são as seguintes: por que a mônada é ignota? A mônada é esquisita com o sentido que damos a esquisito ou com o sentido do termo latino? E o que confere vileza à mônada?

A última pergunta parece ser a mais fácil de responder. Em “Mistérios de um Fósforo”, a mônada é a própria vida material do eu-poético, um “cósmico zero”, que deverá se reduzir a cinzas, pois é um “futuro de cinza” o que o aguarda, em que um único fósforo é suficiente “Para mostrar a incógnita de pó,/Em que todos os seres se resolvem”. Mônada e materialidade, portanto, se fundem nesse poema, de uma agônica constatação de que a vida é materialidade que se restringe a sofrimento e que resultará no seguinte:

*Um dia restará, na terra instável.
De minha antropocêntrica matéria
Numa côncava xícara funérea
Uma colher de cinza miserável!*

Ainda assim, resta uma pergunta: se a vida é vil matéria, é zero cósmico, que resultará em pó, por que esse pó é incógnito? Todos os seres não se resolvem nele? Se a resolução existe e é certa, por que há de persistir a incógnita? Mais ainda: por que a *terra é instável*?

Em “Monólogo de uma Sombra”, é na “ignota mônada” que “vibra/A alma dos movimentos rotatórios”. Tais movimentos são provenientes do equilíbrio provoca- ▶

do pela “simbiose das coisas”. Da Sombra, por sua vez, “decorrem, simultâneas,/A saúde das forças subterrâneas/E a morbidez dos seres ilusórios!”. Se há uma simbiose, há uma ação contínua, ação sem fim, que procura o equilíbrio da vida. A busca de tal equilíbrio, sendo a “alma dos movimentos rotatórios”, compara-se à continuidade da ação simbiótica, parecendo voltar sempre para o mesmo ponto. O problema continua. Se há uma busca, o movimento só retornará ao mesmo ponto se o que se busca não for achado. A mônada seria, então, ignota por desconhecer o que procura ou porque a Sombra não sabendo o que procura desconhece a funcionalidade da mônada? Se a Sombra diz que saúde e morbidez decorrem dela, simultaneamente, isto, até certo ponto, poderia parecer a busca do equilíbrio como síntese, aquilo que faz viver os seres vivos, na alternância destas duas condições. No entanto, vê-se que a saúde vem “das forças subterrâneas” e a morbidez é a consequência “dos seres ilusórios”. Subterrâneo não pode ser entendido simplesmente como o que está embaixo da terra, mas como o que está oculto, no mais íntimo, metáfora, portanto, para o espírito. A saúde dará o equilíbrio, pois ela vem do íntimo, com a intenção de afastar-nos da ilusão. É a ilusão o que nos leva à morbidez. Nós é que escolhemos a saúde ou a morbidez. Ambos decorrem da Sombra, decorrem desse espírito que não envelhece (veja-se a terceira estrofe desse poema!), mas nós, homens ligados à matéria, é que escolhemos um ou outro e, no máximo, atingimos a simbiose, quando tomamos consciência do que somos. Sendo a mônada para nós ignota, é mais suscetível que descambemos para a morbidez do que para a saúde. A Sombra diz vir “de outras eras” e proceder “Da escuridão do cósmico segredo,/ Da substância de todas as substâncias!”. Não estaria aí uma visão de Augusto dos Anjos da evolução biológica – os seres vivos procedem do mesmo caldo primordial, que se esconde no segredo do Cosmos – e da evolução espiritual, com a Sombra que vem de eras tão

longínquas quanto o início da vida e guarda a memória de todas as vidas que teve? A Sombra vê o filósofo moderno tentar compreender “A vida fenomênica das Formas”, e só conseguiu ver “O horror dessa mecânica nefasta/A que todas as coisas se reduzem!”. Só conseguiu ver materialidade. A Sombra é espiritualidade, pois consegue ver além do filósofo moderno e ainda saber que ele viverá para além da materialidade que racionalmente conseguiu ver, “Nas eterizações indefiníveis/Da energia intra-atômica liberta!”, desde que estejam “rotos os liames/Dessa estranguladora lei que aperta/Todos os agregados perecíveis,”. Essa ruptura dará ao filósofo e ao humano a realização da “Sonoridade potencial dos seres,” que não pode se realizar enquanto estiver “Estrangulada dentro da matéria!”. Presa “su’alma na caverna escura” da materialidade e dos gozos sensuais, o homem jamais conhecerá sua mônada e jamais deixará o *sansara*, num movimento rotatório sem fim, até que descubra a funcionalidade de sua mônada, que é seu espírito e que cria as condições para a sua ascensão.

Os planetas do sistema solar orbitam elipticamente ao redor do sol. A terra, por exemplo, leva 365 dias e seis horas para fazer esta órbita, completando o seu ano (*annus*, círculo), mas jamais volta ao mesmo ponto de partida. Cada primavera, cada verão, cada outono, cada inverno é diferente do anterior, pois o sol não está parado. Ele orbita pela nossa galáxia. Se o sol estivesse parado e os planetas orbitando ao seu redor o tempo não passaria. A evolução material não aconteceria. Os planetas e o sol estariam presos ao *sansara* cósmico. Como eles se movimentam helicoidalmente, a evolução acontece, lenta, mas acontece. Para a evolução acontecer com mais rapidez é necessário que os seres vivos também se movimentem em busca dessa ascensão. O “Universo/na podridão do sangue humano imerso”, está, diz o poeta, “Prostituído, talvez, em suas bases...” É isto que o leva a cantar e expor “Essa necessidade do horroroso”.

A terceira vez em que o poeta

se refere à mônada é o momento de definição mais próximo daquilo que ela representa (na realidade, na sequência dos poemas do livro esta seria a segunda vez, aparecendo no poema “Sonho de um Monista”). Deus é a “mônada esquisita”, que aparece ao eu-lírico “dentro da alma aflita”. O poema aponta para a ascensão do espírito, embora comece com uma viagem do eu-lírico com “o esqueleto esquelido de Esquilo”. Ao ver Deus, como sua mônada, o eu-lírico bendiz essa ascensão, já integrado à eternidade, vez que se encontra “Alheio ao velho cálculo dos dias”. O tempo cronológico já não lhe diz nada. A materialidade se esvaiu na eternidade, a espiritualidade se realiza com Deus “coordenando e animando tudo aquilo!”. Entenda-se tudo aquilo como “A energia intra-cósmica divina/Que é o pai e é a mãe das outras energias!”. Na sua primeira edição, o poeta grafia “exquisita”, grafia latina que permanece, por exemplo, no francês e no espanhol. Esquisito (*exquísitus*, -a, -um) significa *escolhido, distinto, buscado, refinado*. Particípio passado do verbo *exquiro*, *exquirere*, com o sentido de *procurar descobrir, pesquisar, escolher*. Também tem o sentido de *desejar e obter*. Reside aí a dificuldade de se saber qual o significado exato empregado pelo poeta. O sentido de *esquisito* mais utilizado correntemente é o de *excêntrico, anormal, diferente, fora do padrão, estranho*, e soando sempre pejorativo. Certamente, não é este o sentido vislumbrado pelo poeta. Deus seria a mônada escolhida, desejada, buscada, refinada, distinta? Diante da identidade de Deus com a mônada e com a orientação para a ascensão espiritual, ficamos com o sentido de *escolha desejada*, sentido de que o desejo de Deus é que, segundo a espiritualidade, façamos escolhas distintas que nos levem à luz.

Em suas palestras gravadas (*Conversa 818*), Trigueirinho nos explica o que seja a mônada e qual seja a sua função. Ele nos diz que ela é a nossa estrela interior, o espírito, o pai dentro de nós, a centelha divina que nos orienta de maneira mais segura no processo evolutivo individual. Nós somos ▶

► energia, mas energia materializada. A mônada é energia, que irradiava uma energia imaterializada, para desagregação dessa matéria, que somos, de modo que possamos evoluir espiritualmente. O processo evolutivo de cada um começa na mônada, transformando através da energia imaterializada um corpo bruto em corpo sutil e espiritual. Essa energia pode se irradiar para outros seres e ajudar a Hierarquia a acelerar a evolução dos seres vivos. A mônada não cria vínculos com a materialidade, ela age ao contrário, criando as condições, a serviço da Hierarquia, para a espiritualização dos seres. Por isto o eu-lírico deseja transformar o homem particular em universal (Último Credo). Trigueirinho ainda nos afirma que a mônada não nos diz tudo. E não poderia ser de outra forma, pois ela não pode ser determinista. A mônada sendo a força especial que nos impele à evolução, cria as condições para que isto aconteça e somos nós que percorremos o caminho para a evolução. O ser humano precisa entrar em contato com a sua mônada, mas ele está muito atrelado ao mundo material para cuidar dessa parte. É dela que surge a única energia capaz de nos levar ao plano evolutivo.

Para o físico quântico Amit Goswami, a mônada, o que ele chama de *mônada quântica*, são “as propensões mentais e vitais de um indivíduo que sobrevivem à morte e são reutilizadas por um encarnado, no futuro, graças a uma correlação não local especial” (*A evolução criativa das espécies*, 2009, p. 269). A não localidade significa que “as propensões da mônada quântica de um indivíduo podem reencarnar em diversos indivíduos ao mesmo tempo [...] e podem se propagar rapidamente por toda uma espécie” (id. *ibid.*), o que resultaria num salto quântico evolutivo. Como sair dos movimentos rotatórios do *sansara*, das diversas e infinitas encarnações? O poeta Augusto dos Anjos, em “Solilóquio de um Visionário”, responde: “É necessário que ainda eu suba mais!”. Subir espiritualmente, lógico. Em outras palavras, é o que afirma Goswami, em *Deus*

não está morto; evidências científicas da existência divina:

“A ideia é que uma mônada quântica atravessa muitas vidas encarnadas, aprendendo com suas experiências em cada encarnação, até individuar-se, libertando-se do ciclo nascimento-morte-renascimento. E depois? Depois, a mônada quântica não terá necessidade de reencarnar como ser mental, mas poderia se manter disponível não localmente para canalizações por meio de quem se relacionar com ela” (2008, p. 206).

Diz o espírito André Luiz, psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira, no livro *Evolução em dois mundos* (Rio de Janeiro, Federação Espírita do Brasil, 2011, p. 36-7):

“... a mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos de adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão”.

Assim, acreditamos que, quando o poeta fala de minha “mônada ignota” não está apenas se referindo aos organismos unicelulares da matéria, como as bactérias, organismos muito antigos que se confundem com a criação da própria vida na terra. Não se trata, pois, apenas de evolução biológica, conforme se pode ver em “Os Doentes”:

*E via em mim, coberto de desgraças,
O resultado de bilhões de raças
Que há muitos anos desapareceram!*
(parte I, quarta estrofe)

Todo o esforço da evolução biológica deverá resultar numa evolução espiritual, num confronto da matéria em desagregação com a necessidade de aprendermos com ela. Ainda assim, acreditamos que, com relação ao Eu, não há respostas plenamente satisfatórias.

Em vários momentos do *Eu*, o poeta demonstra desejar, na poesia, esta escolha da ascensão. Aqui não estamos afirmando que o poe-

ta acreditava ou não na espiritualidade ou que desejava a ascensão espiritual, seguindo alguma doutrina religiosa. Isto não está em questão. Mas não se pode negar essa dicotomia existente no livro: de um lado, o desvirtuamento da humanidade, que a leva à degradação, por isto a exposição da desagregação da matéria em decomposição, inclusive do próprio mundo físico inorgânico, como mostra a parte IX de “Os Doentes” (estrofes de 1 a 7 e metade da 8), em que “A ruína vinha horrenda e deletéria/Do subsolo infeliz, vinha de dentro/Da matéria em fusão que ainda há no centro,/Para alcançar depois a periferia”. Por outro lado, a necessidade da ascensão espiritual, em que já se sentem os movimentos iniciais “de um Cosmo novo!”, “O vagido de uma outra Humanidade!”, encontrando o eu-lírico “com os pés atolados no Nirvana”, acompanhando “com um prazer secreto,/A gestação daquele grande feto,/Que vinha substituir a Espécie Humana!” (versos finais da estrofe 8 e estrofes de 9 a 11).

Mas não é só neste poema que se observa essa oscilação, definida magistralmente pelo poeta com o oxímoro “negra eucaristia” (parte VII, verso 2, penúltima estrofe). A humanidade, como o morfético do poema, é carne viva em desagregação por seu afastamento da espiritualidade. Só lhe sobrando a matéria, a vida, que era eucaristia, graça, torna-se maldição, “negra eucaristia”. Nunca oxímoro algum foi mais belo! Oxímoro a que se acosta o paradoxo de “que podridão me serve de evangelho” (“Monólogo de uma Sombra”). A desagregação e a podridão funcionam, pois como eucaristia de um evangelho às avessas, pois é com a ruína que aprendemos e que podemos evoluir.

Vejam os alguns poemas, como funciona esta dicotomia, que, com mais propriedade, no caso de Augusto, eu diria dilaceração. ►

► Em “Agonia de um Filósofo”, o eu-lírico, como Goethe, reconhece “o império da *substância universal!*”. O que significa exatamente isto? A degradação humana provoca “A vingança dos mundos astronômicos”, em “As Cismas do Destino” (parte I, estrofe 13), enviando “à terra extraordinária faca,/Posta em rija adesão de goma laca/Sobre os meus elementos anatômicos”. O que seria esta vingança? Quais seriam estes mundos astronômicos? Sabemos, com certeza, que a doença é mais que física, é doença espiritual, pois consequência “de uma raça/Que violou as leis da Natureza!” (estrofe 21). Ainda nesse poema, pode-se constatar o questionamento da não evolução espiritual, seja na observação da “anatomia mínima da caspa”, em que existem “Embriões de mundos que não progrediram!”, seja no estacionamento evolucionário do cachorro, “alma embrionária que não continua?!” (Parte II, estrofes 7 e 8, respectivamente). Somos ainda matéria bruta, “putrescível forma tosca” (estrofe 10), sem a evolução necessária, vez que “Jazia atravessada no meu crânio/A intercessão fatídica do atraso!” (estrofe 21). Que atraso seria este, senão o da evolução do espírito? Atrasado na sua evolução, o homem mergulha em “Negro e sem fim.../Lugar dos Cosmos”, de “dor infrene” (Parte III, estrofe 3). Se o home pede “Em vão, com a mão corrupta, outro éter” (estrofe 30), “a Terra negava”-lhe “o equilíbrio...” (Parte IV, estrofe 8).

Em o “Último Credo”, o eu-lírico crê, “como o filósofo mais crente.../que a substância cósmica evolui...”. Qual seria essa substância cósmica? Evolui em que sentido? Biológico não é, sobretudo porque o homem particular deverá ser vencido pelo homem universal.

Jogado “No pandemônio aterrador do Caos!”, como se vê em “O Mar, a Escada e o Homem!”, o ser humano lamenta não ter prendido a sua existência “À hispida aresta sáxia áspera e abrupta/Da rocha brava”, assim não sofreria a sua falta de consciência que o conduz à desagregação da morte, por causa de uma racionalidade que se exaure nela mesma (“Gemidos de Arte”, parte I, estrofe 5). Mais felizes são aquelas “cousas/Submetidas apenas às leis físicas” (“Os Doentes”, parte III, estrofe 4). Ciente de que “a carne é que humana! A alma é divina” (“Gemidos de Arte”, estrofe 9), ele deseja a construção de uma “Região sem nódoas e sem lixos/Subtraída à hediondez de ínfimo casco/Onde a força feroz coma o carrasco/E o olho do estuprador se encha de bichos” (estrofe 14), região em “Outras constelações e outros espaços” (estrofe 15). Quem conhece as diversas doutrinas espiritualistas, se reconhece completamente nestas estrofes do *Eu*.

Por vezes, a este homem que sente ser sua “ruína pior do que a de Tebas!” (“Tristezas de um Quarto Minguante”, estrofe 25), a morte, “esse último abandono”, não o incomoda, visto que “Se a carne individual hoje apodrece,/Amanhã, como Cristo, reaparece/Na universalidade do carbono!” (“Os Doentes”, parte V, estrofe 15).

A exposição que Augusto dos Anjos faz da matéria em decomposição, da desagregação, compreendemos como catártica, pois a catarse ativa nossos centros de

dor e sofrimento e nos faz repudiar tais coisas, refletindo sobre elas, para nos desviar da degradação e da ruína, assim como se fazia na tragédia grega ao se expor o horror do humano ao público presente. Qual a melhor maneira de esconder, senão mostrar? Ao esconder a espiritualidade por trás da matéria em decomposição, Augusto a mostra a quem tem olhos para vê-la. A nosso ver, o poeta não só atende a uma imposição estético-histórica, proveniente do avanço das ciências biológicas desde a segunda metade do século XIX, desaguando num naturalismo insosso, mas também em um expressionismo contundente. Ele também esconde atrás dessa decomposição e desagregação da matéria a visão de uma espiritualidade que ele, bem sabia, não podia expor ou não era chegado o momento de expo-la. Nunca é demais lembrar que a teoria da evolução de Darwin é do mesmo ano do Espiritismo decodificado por Kardec, 1857.

Terminemos este passeio pela obra com o soneto “Solilóquio de um Visionário”:

*Para desvirginar o labirinto
Do velho e metafísico Mistério,
Comi meus olhos crus no cemitério,
Numa antropofagia de faminto!*

*A digestão desse manjar funéreo
Tornado sangue transformou-me o instinto
De humanas impressões visuais que eu sinto,
Nas divinas visões do íncola etéreo!*

*Vestido de Hidrogênio incandescente,
Vaguei um século, improficuamente,
Pelas monotonias siderais...*

*Subi talvez às máximas alturas,
Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,
É necessário que inda eu suba mais!*

Acredito ser este poema autoexplicativo. Se não se pode reconhecer neste poema a reencarnação, então será impossível reconhecê-la em qualquer outro poema do *Eu*.

Sem querer exaurir o poeta, ative-me apenas ao *Eu*. O que para nós se mostra importante é a constatação desse dilaceramento na poesia do *Eu*. Sem a busca de se entender a espiritualidade que permeia o livro, torna-se impossível conhecê-lo. Ficar na explicação do cientificismo e da materialidade é, a nosso ver, malhar em ferro frio. A apresentação da degradação e do cientificismo é o falso brilhante que cativa as mentes, que seduz os leitores pelo inusitado do léxico e do ritmo. Mas não é a essência de sua poesia. O livro é mais do que isso e suscita mais perguntas do que respostas. Por isto Augusto é Augusto, etimologicamente, aquele que acrescenta. É grande. Inesgotável. ❖

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É autor, entre outras publicações, do *Dicionário da Eneida* e de *Introdução aos estudos clássicos*. Mora em João Pessoa (PB).

◆ homenagem

Da grandeza humana

Ângela Bezerra de Castro

Especial para o *Correio das Artes*

Antes de tudo, devo agradecer à família de padre Luís por me haver incluído como participante das iniciativas que se realizam em comemoração ao centenário de nascimento do cidadão, do sacerdote, do professor, escritor e acadêmico, cuja memória é um exemplo para as gerações. Numa sociedade em que a desculpa da correria incessante abre cada vez mais o espaço para a ingratidão e o esquecimento, devemos um elogio especial aos sobrinhos José Augusto de Oliveira, João Nepomuceno, Fátima Coutinho, Eric Ben-Hur de Oliveira e Raniery de Oliveira por terem escolhido, como prioridade, manter viva a história do tio que teve para seus contemporâneos o sentido de *um poço no deserto*. A comparação é do professor José Paulino, evocando com inteira propriedade a reflexão lírica de Saint-Exupéry, para dizer do profundo valor, da grandeza implícita na fecunda simplicidade vivida por padre Luís Gonzaga de Oliveira.

Porque com ele convivi, posso assegurar que a sua obra escrita é um reflexo do credo existencial por ele professado.

Eu o conheci em 1956, como meu professor de Latim, quando ingressei no 3º ano ginasial do Colégio Nossa Senhoras das Neves, em João Pessoa. Viera do internato, no Colégio Nossa Senhora da Luz, minha pior experiência de vida, até então. Dois anos de reclusão e de silêncio insuportáveis, agravados pela constante imposição de acusações e castigos. A palmatória tinha sido abolida, mas o espírito da inquisição ainda permanecia vivo e dominante.

Pela magoada compreensão adolescente, julgava que freiras e padres agiam basicamente com hipocrisia e injustiça, em suas decisões sempre arbitrarias. Estava em choque com o que teria de enfrentar em novo colégio de freiras. Mas a fi-



Capa do livro *Figuras e paisagens*, de padre Luís Gonzaga de Oliveira

gura serena e acolhedora de padre Luís foi apagando todos os meus receios. Cada nova aula reforçava-me a certeza de que havia religiosos completamente diferentes dos que conhecera no internato.

As aulas de Latim do meu novo professor davam ênfase à tradução e à interpretação de fábulas. E aquelas histórias de bichos que falavam e davam lições aos homens ganhavam uma dimensão extraordinária em seu poder de convencimento. É clara a conclusão de que padre Luís escolhia aqueles textos para com eles atingir, ao mesmo tempo, dois objetivos. Tornar agradável o ensino do Latim e fazer-nos refletir sobre o valor das virtudes e sobre o resultado desastroso dos vícios.

Assim, sem a ameaça do pecado e do castigo, sem referência a Céu ou Inferno, sem qualquer pieguice, ele nos despertava para a escolha de uma ética, cuja essência ratificava os valores fundamentais de sua fé cristã. Um procedimento que se identifica na ideologia de tudo quanto escreveu.

Naquela época, decidimos frequentar, aos domingos, a Capela anexa à maternidade Cândida Vargas, por ser a mais próxima de nossa residência. Para minha surpresa e alegria, lá encontrei meu professor exercendo suas funções sacerdotais.

Excetuando a solenidade natural da celebração e das vestes especiais, era o mesmo homem de voz pausada e firme, sem gesticações que contrastassem com a serenidade de sua pregação. Toda a convicção contida na inflexão ou modulações da voz, intensificadas ou realçadas pelo delineamen- >

► to de um breve e discreto sorriso e pela flama resplandecente do olhar. Sem nenhuma dúvida, o sermão de padre Luís era único, e se tornava uma forte motivação para frequentarmos a missa. Ele o proferia como se estivesse lendo, as palavras fluindo com a maior naturalidade, e com o poder de aproximar os mistérios do sagrado ao cotidiano íntimo dos fiéis.

Sentido-me privilegiada por haver contado com este ser tão especial em minha formação, quis dividir com todos vocês um pouco dessa memória afetiva. Uma forma de confessar o quanto significa para mim apresentar o escritor Luís G. de Oliveira que a ONG SACI edita e reedita para as novas gerações.

De tudo quanto escreveu, nosso grande homenageado publicou em vida apenas dois livros. *Quadros da minha infância*, em 1958, e o romance *A Tragédia do Major*, em 1961. Embora mantivesse constante colaboração, sobretudo no jornal *A Imprensa*, onde os conteúdos narrativos tomavam a forma de folhetim, e na revista da Academia Paraibana de Letras, veículo da instituição cultural que ele passou a integrar ainda muito jovem, em 1950.

Figuras e paisagens, lançado agora em edição póstuma, traz características que precisam ser ressaltadas porque exprimem o cuidado e a justa admiração dos organizadores. O desenho de capa, reproduzindo o emblemático engenho Lameiro, arte de Edson Ferreira, coloca em destaque a fonte das memórias. Os acréscimos feitos à cópia original, com absoluta pertinência, resgatando textos posteriores; o tocante oferecimento aos moradores e amigos do escritor que, em testemunhos de vida, mantiveram até o fim a lealdade do afeto verdadeiro e a gratidão do reconhecimento; a epígrafe de Tolstói, um alerta para a consideração da importância temática do livro; a palavra da ONG SACI que também pode acrescentar a seu admirável projeto editorial a certeza da publicação do inédito *Memórias do Internato* e, por fim, o competente texto do sobrinho José Augusto de Oliveira, verdadeiro Prefácio, oferecendo ao leitor pistas essenciais sobre as linhas de força da obra, agora em livro.

Tudo quanto padre Luís escre-

veu tem uma singular unidade que reflete a sólida formação cristã alicerçada em seu espírito, desde à primeira infância, pelo exemplo de vida. Em *Memórias do Internato*, impressiona a absoluta convicção do jovem adolescente no tocante à vocação sacerdotal. Nenhum instante de dúvida, nenhuma restrição ao rígido cotidiano de obrigações que lhe pareciam completamente naturais. Aquela era a escolha definitiva de uma personalidade bem formada que encontrara o seu lugar no mundo e, nele, o meio de contribuir para a edificação de uma humanidade melhor.

Em *Quadros da minha infância*, os pilares que irão sustentar o universo do escritor já se erguem sólidos. Primeiro, o ponto de vista das memórias que não priorizam o confessional mas a sensível observação do ambiente, dos costumes, dos seres e das coisas. José Américo, revelando as qualidades que mais o seduziram no livro, ressalta: “É mais uma homenagem filial do que uma confissão. O senhor de engenho que movia a máquina obsoleta é o verdadeiro personagem, com sua autoridade patriarcal dissolvida em bondade e compaixão.”

Outra característica do escritor se estrutura na escolha da linguagem que não trai sua formação clássica, mas sabe dar expressão verdadeira aos personagens e traduzir os costumes sem falsear o tom local. Forma e conteúdo indissociáveis, na construção do estilo.

José Augusto fala de “uma leitura substanciosa, como um amoroso conselho paterno”. Essa síntese encantadora reconstitui o próprio sentimento da convivência com padre Luís, que continua vivo na percepção do valor humanístico de sua criação.

Hoje, tudo me parece escrito para a continuidade de sua presença no mundo através da palavra. Para a sutil reiteração de um compromisso existencial que se exerceu pela prática simultânea de ações religiosas, pedagógicas e políticas de tal forma entrelaçadas que, às vezes, fica impossível precisar onde começa uma e a outra termina. No entanto, a prevalência dos valores que fundamentam o humanismo cristão, ainda que não transpareça ostensivamente, converte-se na ideologia dominante de todos os textos produzidos por padre Luís.

Na publicação de *A Tragédia do Major*, destaca-se o direcionamento do narrador para imputar ao personagem a responsabilidade pelos atos praticados. É uma forma de contestar a força do Destino, tal como se coloca na teoria da Tragédia. De modo que a palavra, no título do romance, não tem o peso da tradição literária ou mitológica. Significa apenas um acontecimento negativo que leva à queda, ao sofrimento e à tristeza. Mas, sendo o homem dotado do livre arbítrio, poderia ter sido evitado. Verifica-se, portanto, uma absoluta negativa da Fatalidade, categoria que na tragédia grega submetia o personagem à reviravolta da felicidade ao infortúnio, sem que este pudesse opor qualquer resistência.

No prefácio à primeira edição do romance, o autor alerta que aquelas páginas em torno de uma vida constituem uma lição. Eu direi que este aviso é válido para a obra que ele construiu em sua prática de cidadão, de mestre e de sacerdote. A lição está em todas as páginas que ele escreveu e também naquelas que não escreveu, mas que foram talhadas pelos gestos.

Encerro esta homenagem de gratidão apropriando-me de um parágrafo que integra em *Figuras e paisagens* o perfil de meu avô paterno, Joaquim Pereira de Castro. Pois aprendi com o grande mestre Juarez da Gama Batista que quem retrata o outro também se revela. “Quem pinta se pinta” - era sua forma exata de dizer.

Padre Luís, “um belo tratado da grandeza humana. Não se afastou um milímetro daquele programa que certamente traçou para si de levar a existência no meio dos homens, prestando a estes o exemplo do que precisassem ser, para recomendação mesmo de tudo que apregoamos como valor”. ✱

(Pronunciado em 25 de março de 2017, no Teatro Geraldo Alverga, na cidade de Guarabira)

Ângela Bezerra de Castro
é professora aposentada da
Universidade Federal da Paraíba.
Mora em João Pessoa (PB).



Conjunto de saberes

NOTAS SOBRE *DELIRIUM TREMENS*,
DE JOSÉ CAITANO DE OLIVEIRA

Das formas literárias modernas, provavelmente é o romance a mais flexível. Se a ação, o personagem, o tempo e o espaço, assim como o narrador, constituem elementos intrínsecos à sua arquitetura, outros ingredientes também contribuem para a sua configuração estética. Vezes até, sem elidir a função daqueles componentes estruturais, modelando, a rigor, e mais intensamente, o sentido da composição verbal.

Fielding o define como “uma rápida e sagaz penetração da verdadeira essência de tudo aquilo que é objeto de nossa contemplação”. E Milan Kundera, por sua vez, no primeiro ensaio de *A cortina*, considerando a vida humana como uma derrota, a partir da experiência dolorosa de Dom Quixote, assinala que a “única coisa que nos resta diante dessa inelutável derrota que chamamos vida é tentar compreendê-la”. Para o escritor tcheco, reside aí a arte do romance.

Pois bem: o romance, além de narrativa, é conhecimento. A fabulação, se não desaparece de todo, o que seria inadmissível na topografia singular de sua gramática artística, não raro se acosta, no entanto, ao poder das ideias, às exigências da reflexão, mesclando-se à natureza mais fluida e mais livre do ensaio. O impulso da narração, nestes casos, não nasce dos processos materiais da ação nem dos conflitos, po-

rém, da necessidade interior de compreender o absurdo de certas atitudes humanas.

Creio estar aí o ponto axial do mais novo romance do advogado e escritor, José Caitano de Oliveira, intitulado *Delirium tremens*, e que tem no alcoolismo seu assunto nuclear. Aqui, portanto, vejo-me diante de uma gnose à qual os episódios narrados e os ambientes descritos tendem a funcionar como alicerces do conhecimento. Valendo-me das categorias de Roland Barthes, em *Aula*, penso estar diante de um romance que é mais *mathesis*, isto é, conjunto de saberes, do que *semiose*, ou seja, articulação poética dos signos.

Narrada em primeira pessoa e presidida por uma espécie de “visão com”, conforme tipologia de Jean Pouillon, em *O tempo no romance*, a obra é mais de atmosfera que de enredo, mais psicológica que fabular, mais reflexiva que descritiva, mais enraizada no mundo subjetivo que na realidade concreta, mais delirante que lógica, mais noturna que solar.

José, protagonista e narrador, espécie de alter ego do autor empírico, é um alcoólatra em alto grau. As situações romanescas descritas, na verdade, são encenadas na consciência destruída pelos efeitos da droga, cujos componentes de fato, assim como as experiências vividas, como que se reconstituem pela visão oblíqua e deformada do narrador.

Esta visão, representando um modo peculiar de observar as coisas e os fenômenos da vida, nos

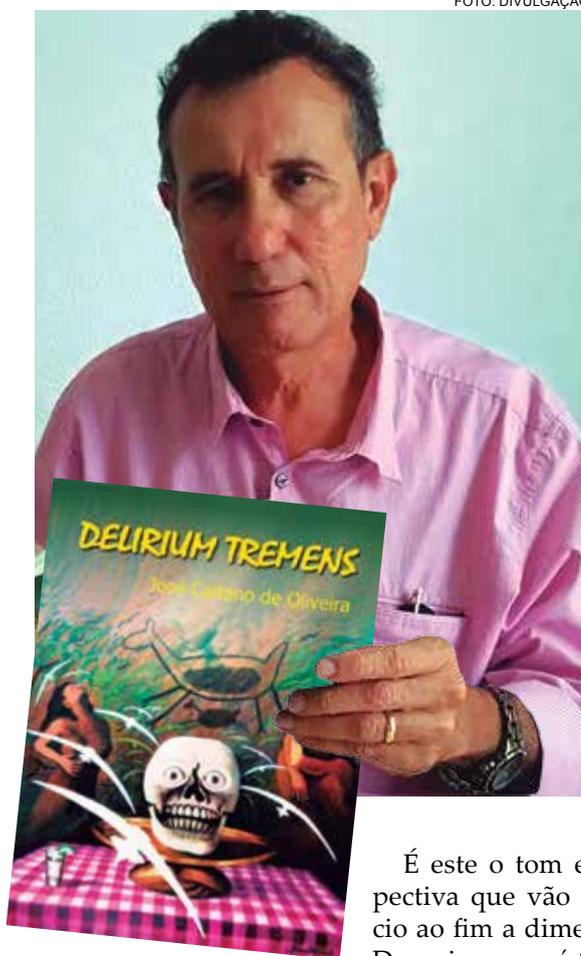
► conduz a nós, leitores, por uma geografia insólita, por um mundo sombrio e dilacerado, onde bares, botecos, ambientes suspeitos, periféricos, perigosos parecem emoldurar os espaços de uma outra cidade, uma cidade quase intangível, permeada pelo delírio e pela solidão.

Diria que José, do seu posto de observação, acompanha o desenrolar dos acontecimentos da urbe; pondera acerca de seus tipos curiosos; reflete sobre ocorrências inusitadas; destila seu ressentimento contra os poderosos e inscreve os sinais de seu drama pessoal através de uma linguagem às vezes deslocada como sua própria vida.

Há qualquer coisa do homem do subsolo dostoiévskiano nesse narrador angustiado, vítima do alcoolismo. Em certo sentido, ele também empreende uma viagem para dentro de si mesmo; uma espécie de descida ao inferno, tendo por guia o que ele mesmo considera o “déspota”, isto é, o álcool. E mesmo que a ele (o alcoolismo) se refira em detalhes, não raro, numa dicção de teor didático e científico, caracterizando sintomas e particularidades da doença, o que conta, ao final, é a leitura de mundo que revela, numa espécie de retórica embargada e em perfeita coerência com os apelos do conteúdo romanesco.

Só para dar um exemplo, observemos a fala do narrador numa das passagens do capítulo “Ritual doméstico”: “Na vida, tudo é rigorosamente fugaz. Eis o ponto de equilíbrio entre a razão e a loucura. Por existir esse defeituoso plasma, oriundo de outra dimensão, eis a razão por que qualquer indivíduo empenhado em descobrir a verdade vai cair no seu próprio buraco: que, por não ser negro nem de outra cor, possui os requintes de aurora boreal; refinamento denominado felicidade. Felicidade? Sim, porque a mentira nasceu com cheiro de maresia; nada mais prazeroso do que respirar a doce ilusão de ser feliz”.

FOTO: DIVULGAÇÃO



José Caitano de Oliveira apresenta seu novo romance, Delirium tremens (Sal e Terra, 2016), que tem no alcoolismo seu assunto nuclear

É este o tom e é esta a perspectiva que vão lastrear do início ao fim a dimensão narrativa. Do universo pré-textual dos atos e das vivências, do espaço e do tempo, dos personagens e de seus conflitos singulares, como que se configura uma visão de mundo plasmada por um olhar delirante que, atento à nudez dos gestos humanos e às suas avessas matrizes, parece sinalizar para a outra face da moeda: a face noturna, a face do sofrimento, da solidão e da derrota.

Diria ainda - para encerrar este breve comentário - que existe, em José Caitano de Oliveira, um ensaísta embutido e de certa maneira já esboçado em romances anteriores, como *O pastor e o verbo* e *De liberdade não se morre*. Ensaísta que se realiza, de fato, e respaldado pelo critério da investigação histórica, em obras como a curiosa *Maçonaria e esoterismo* e o polêmico *A saga de 1930 e o doído da Paraíba*. ✦

Hildeberto Barbosa Filho é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

Geração 65: Cinquenta anos

Sérgio de Castro Pinto
Especial para o *Correio das Artes*

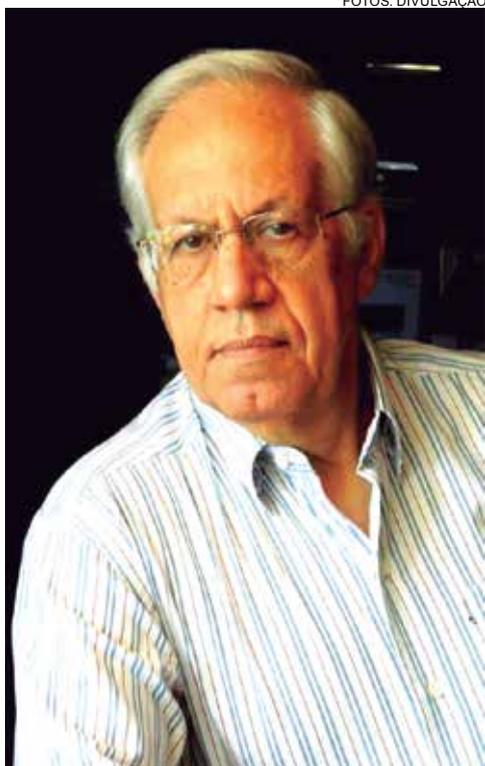
Poeta, ensaísta e ficcionista, além de professor, José Rodrigues de Paiva registra os cinquenta anos da Geração 65 e a homenageia através de estudos de alguns dos seus poetas: Alberto Cunha Melo, Jaci Bezerra, Maria de Lourdes Hortas, Janice Japiassu, Lucila Nogueira, Paulo Tenório, Ângelo Monteiro, Tereza Tenório, Débora Brennand e Maximiano Campos, este último, ficcionista. Mas revisita, também, *camusianamente* – conforme ele mesmo o diz –, o José Rodrigues de Paiva de cinquenta anos atrás, que é quando principia as suas colaborações nos suplementos literários, revistas e outras publicações do gênero, no estado de Pernambuco.

Na verdade, *Geração 65 – Cinquenta anos* deveria ter vindo a lume em 2015, porém, circunstâncias alheias à vontade do autor, talvez entraves de

ordem burocrática, adiaram o seu lançamento para o ano de 2016. Mas, como acentua José Rodrigues de Paiva, o ano de 1965 deve ser considerado como um mero ponto de referência dessa geração, uma vez que, pelos idos de 63-64, os poetas Jaci Bezerra, Alberto Cunha Melo, Domingos Alexandre e José Luiz de Almeida Neto, na interiorana cidade de Jaboatão, já “discutiam temas literários – particularmente a poesia – em reuniões entre amigos e divulgavam como podiam os textos que iam produzindo”. Quer dizer, o “Grupo de Jaboatão” – como o batizou o poeta e crítico César Leal – foi quem firmou e erigiu as bases concretas do movimento ao qual o geógrafo Tadeu Rocha denominou de Geração 65, cujos poetas diferem daqueles que, num coro quase unísono, procuravam cumprir um conteúdo programático, um ideário estético, como os de 22, os da Geração de 45 e os dos movimentos de vanguarda.

Com efeito, a Poesia Concreta e seus desdobramentos, a exemplo da Instauração Práxis, pouco ou quase nada interferiram no construto da lírica pernambucana dos anos 1960, pois houve muito mais influência individual, de poeta sobre poeta, do que de grupo sobre grupo. Que o digam a de João Cabral de Melo Neto no primeiro

FOTOS: DIVULGAÇÃO



José Rodrigues de Paiva registra os cinquenta anos da Geração 65 e a homenageia através de estudos de alguns dos seus poetas



“Se, apesar de tantos esforços para construir uma linguagem e dar vida a mitos, não conseguir um dia voltar a escrever O avesso e o direito, nunca terei conseguido nada, eis a minha vaga concepção”.

▶ Alberto Cunha Melo ou a de Mauro Mota e Carlos Pena Filho em Jaci Bezerra, já que esse poeta alagoano, pelo menos no aspecto temático, “é também um poeta do Recife, um apaixonado ‘cantor’ da cidade dos rios e das pontes”.

Com relação ao parentesco entre Cabral e o estreante Alberto Cunha Melo, José Rodrigues de Paiva faz um alerta: mais do que do autor de *O cão sem plumas*, a linguagem concisa, a quase completa ausência do lirismo, a prevalência da razão sobre o sentimento, representam conquistas já plenamente consolidadas da poesia moderna. Ou seja, não existe uma imitação pura e simples de João por parte de Alberto, mas um comportamento similar, que os identifica e os irmana, circunstância que, certamente, levaria José Lins do Rego a enquadrá-los entre os estilisticamente magros, segundo a concepção adotada pelo ficcionista paraibano num livro que está a exigir uma urgentíssima reedição: *Gordos e magros*.

Daí já se vê que não é por conta de uma dieta ou de um regime deliberado que os poetas são magros, mas por uma necessidade orgânica, visceral, que obedece aos ditames do eu profundo. O mesmo se diga com referência aos gordos, a exemplo do poeta Augusto Frederico Schmidt, cujos poemas discursivos, grandiloquentes, estão a satisfazer a necessidade premente de expressar o seu excesso de ser e de estar no mundo.

Geração 65 – Cinquenta anos é dedicado a Marcus Prado e a César Leal, este último o principal mentor da “Geração 65”, sobre a qual exercia uma atividade pedagógica. Já Marcus Prado foi, juntamente com o autor de *Constelações*, um dos responsáveis pela fase áurea por que passou o suplemento literário do *Diário de Pernambuco*, espécie de porta-voz das novíssimas gerações de poetas, ficcionistas e críticos.

No prólogo desse livro, são muitas as vezes em que José

Rodrigues de Paiva se penitencia por ter exumado textos de meados da década de 1960, inícios da de 1970, veiculados no suplemento literário do *Diário de Pernambuco*, para reproduzi-los nesse volume. E isso porque ele os considera, na sua grande maioria, desiguais e imaturos, além de possuírem, quem sabe ele assim não pensava, a mesma vida breve, efêmera, dos jornais que – lembro “O Jornal e suas metamorfoses”, de Cortázar –, depois de lidos, servem, quando muito, para embrulhar um molho de celgas. Ainda bem que não foi esse o destino dos textos escritos pelo então jovem José Rodrigues de Paiva. E não o foi graças ao argumento de Alberto Camus quando, chegado à maturidade intelectual, decidiu reeditar um volume seu publicado na juventude que, na sua avaliação, estava muito aquém de *O mito de Sísifo* e de *O homem revoltado: O Avesso e o direito*. No entanto, só depois de muitas relutâncias, expôs o argumento do qual se valeu para publicar o volume fruto dos seus verdes anos: “Se, apesar de tantos esforços para construir uma linguagem e dar vida a mitos, não conseguir um dia voltar a escrever *O avesso e o direito*, nunca terei conseguido nada, eis a minha vaga concepção”.

Desse mesmo argumento se utilizou José Rodrigues de Paiva para justificar a publicação desse livro. No que fez muito bem, pois *Geração 65 – Cinquenta anos* é um bom começo de quem sempre soube dignificar o magistério, a poesia, o ensaio, a ficção, enfim, a literatura em todas as suas dimensões e latitudes. ✦

Sérgio de Castro Pinto é poeta e professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É autor, entre outros livros, de *Gestos lúcidos*, *O cerco da memória*, *O cristal dos verões* e *A flor do gol*. Mora em João Pessoa (PB).

O sol por testemunha

A única novidade é o sol. Nem Deus inova: por isso o moderno é o eterno. O ser é: o criado em sua intransmissível solidão.

Rosario Fusco



Alex Tomé expõe toda sua opulência narrativa em *Eu contra o sol* (Confraria do Vento, 2016)

Ronaldo Cagiano

Especial para o *Correio das Artes*

A frase que abre a narrativa labiríntica de *Eu contra o sol* (Ed. Confraria do Vento, Rio, 2016, 474 págs.), romance do paulista Alex Tomé, já antecipa a potência que virá nas páginas dessa caudalosa história: “As primeiras palavras não foram escritas”. Assim o protagonista Benício a(s)cende o farol de uma profunda imersão poética, filosófica e metafísica, na esteira de suas inquietações existenciais, num cenário em que multiplicam-se conflitos de variada natureza, do estético ao ético.

Em seu livro de estreia o autor expõe toda sua opulência criativa não apenas ao construir um personagem (in)tenso, polifônico e atormentado, como também na engenhosidade de uma trama que irrompe vulcanicamente e não deixa o leitor desgarrar-se de suas páginas, eletrizado por sua carga de alta voltagem literária e denso chafurdar na própria condição humana.

Homem destinado a pagar caro tributo à sua sensibilidade, por conta de um olhar agudo sobre o mundo geográfico e psicológico que o circunda, nele embrenha-se e sofre suas paranoias ao tentar compreender as contingências que o afetam.

A frase inicial é chave para se entender as idas e vindas desse personagem arrastado pela torrente inconformista, um poeta que arregimenta suas forças para enfrentar as vicissitudes, que não se deixa amesquinhar pela mediocridade do tempo

e as diatribes ou animosidades do cenário que vai se abrindo à sua frente, como numa sequência de palimpsestos vivenciais a lhe exigirem uma constante metamorfose de posturas e sentimentos.

Eu contra o sol metaforiza o cipoal de contradições de Benício, seu embate íntimo contra a claridade do real, seja aquilo que está aí e nos cega se o fitamos de frente; ou aquilo que queremos negar e nos turva a compreensão. Benício, é um poeta que se arroja num percurso interior catártico, de extremos psicológicos e contornos afetivos que explicitam dissensões familiares e desencantos/desencontros amorosos, esse imaginário das relações que tanto nos afeta. Romance em que a frustração se instaura como *leitmotiv* para a construção de toda uma reflexão sobre os altos e baixos da

▶ própria juventude, as dores & delícias de uma geração perdida entre desejos e desmoronamentos de toda a ilusão ou utopia num mundo tão banalizado pela dor e pela morte.

Alex Tomé debuta com a verve dos veteranos, tão amadurecido e cioso de seu projeto literário, pois nota-se nesse livro alguém isento dos cacoeiros ou deficiências muito comuns aos estreantes. É um artesão em pleno domínio dos artefatos da linguagem, estilista da arquitetura ficcional, que assimilou influência dos grandes mestres, alimentou-se nas melhores fontes, tal seu histórico de leituras visível no seu texto. Sua escrita espelha ainda seu trânsito por vertentes e linguagens distintas, tal a sua habilidade e versatilidade no manejo da história, na harmonia entre forma e conteúdo, na apreensão de muitos referenciais culturais, sociais, políticos que reverberam na voz de um Benício que amplifica uma visão hermenêutica de nossa esclerosada contemporaneidade.

Por outro lado, o autor conduz todo o aparato narrativo por meio de uma inflexão metalinguística e laivos de intertextualidade, conferindo ao conjunto uma sofisticação estilística que culmina em delicada prosa poética. Dessas particularidades e afinidades também emerge a força de uma atmosfera que panoramiza o próprio caos, individual ou coletivo, decodificando os elementos que gritam verdades a queima-roupa na mitologia de nossas sensações, tendo Benício ricocheteando nossos fantasmas e obsessões, na linha do niilismo de um Nietzsche ou da angústia ancestral de um Samuel Rawet.

Como referenda Paulo Scott na apresentação, Alex Tomé é “um jovem autor que merece ser acompanhado pelos leitores”. Com toda razão, tanto pelo valor intrínseco do ro-

mance, quanto pela oportunidade de premiar-nos com uma prosa autêntica e voraz, potencialmente devastadora ao comunicar o universo de um personagem em ebulição nostálgica e psicológica, com seu arcaísmo emocional questionador, que declara num dos poemas que escreveu: “Não escolhi a melancolia como estilo de vida;/ veio e se instalou/ de corpo inteiro...” E ele se redime de todo esse embaraço pela palavra, pois confessa: “O que eu gosto é de escrever/ todo o resto é sacrifício.”

Livro pungente, em que as demandas peculiares ao nosso estar-no-mundo são tratadas sem dourar a pílula, em que lirismo e reflexão filosófica misturam-se em perfeita simbiose para dar conta de nossas lutas internas e explorar e escandir as camadas mais profundas de um ser que deambula pelos labirintos de seus desafios, reproduz, em última instância, os caminhos e descaminhos de uma juventude em busca de saídas, tendo Benício – um homem perplexo, posto à prova em situações limite - como ancoradouro do pensamento, da identidade e das vozes desse tempo de sonhos desfeitos, verdadeiro andariço do inconsciente que nos habita e corroí com seus crepúsculos e solidões, tendo o sol como testemunha de seu inóspito habitat sob as latitudes do inconformismo.

E entre o paraíso e o inferno vividos, reminiscências como espelho de uma dilacerante experiência humana e os paradoxos desmascarados pela vida, *Eu contra o sol* é a história de um homem remando contra a maré da escuridão que o habita e atesta a qualidade de um autor esmerado no seu ofício, um verdadeiro antídoto contra a mesmice (ou o que há de requentado) na literatura contemporânea brasileira.

TRECHOS

Ruas e pessoas, tantos encontros e tantas esquinhas possíveis, delirava. Benício sentia saudades de ter sorte. Acendeu um cigarro e ficou observando um senhor cabeça branca que bostava as plantas com adubo natural. Retirou seu caderno de poemas do bolso traseiro e se colocou a escrever. Parecia ter tomado a melhor decisão, as palavras distanciavam-no do que ele mais temia, distanciavam-no do que ele esta prestes a se tornar.

(...)

Você não sabe o que é verdadeiramente uma multidão até ser reduzido a nada dentro dela. Você se torna uma coisa amorfa. Você é apenas uma das milhares coisas que gritam. Você faz parte desta artéria rudimentar e sem nome, seu sangue corre intacto, e uma energia religa você a desconhecidos. Vocês são um mesmo borrão.

(...)

Tinha dezoito meses de idade quando falou a primeira palavra na presença do pai – crianças têm um senso incrível de mise-en-scène. Tal palavra o perseguia por toda a vida. Falo-a para si. Sol. Repetiu-a, a voz esticada como corda de violão. Falou mais uma vez. A palavra sublimou feito vapor. À época, ninguém entendera muito bem de onde a criança tirara aquela palavra. Agora tudo fazia sentido. O sol acabaria por tornar seu melhor amigo, o único e quem poderia confiar e naquela tarde nublada sentia um buraco o estômago. ✦

O escritor **Ronaldo Cagiano** é autor, dentre outros livros, de *Eles não moram mais aqui* (Ed. Patuá, 2015), Prêmio Jabuti de Contos 2016. Reside em Lisboa, Portugal.

Alípio do Sítio

José Leite Guerra
Especial para o *Correio das Artes*

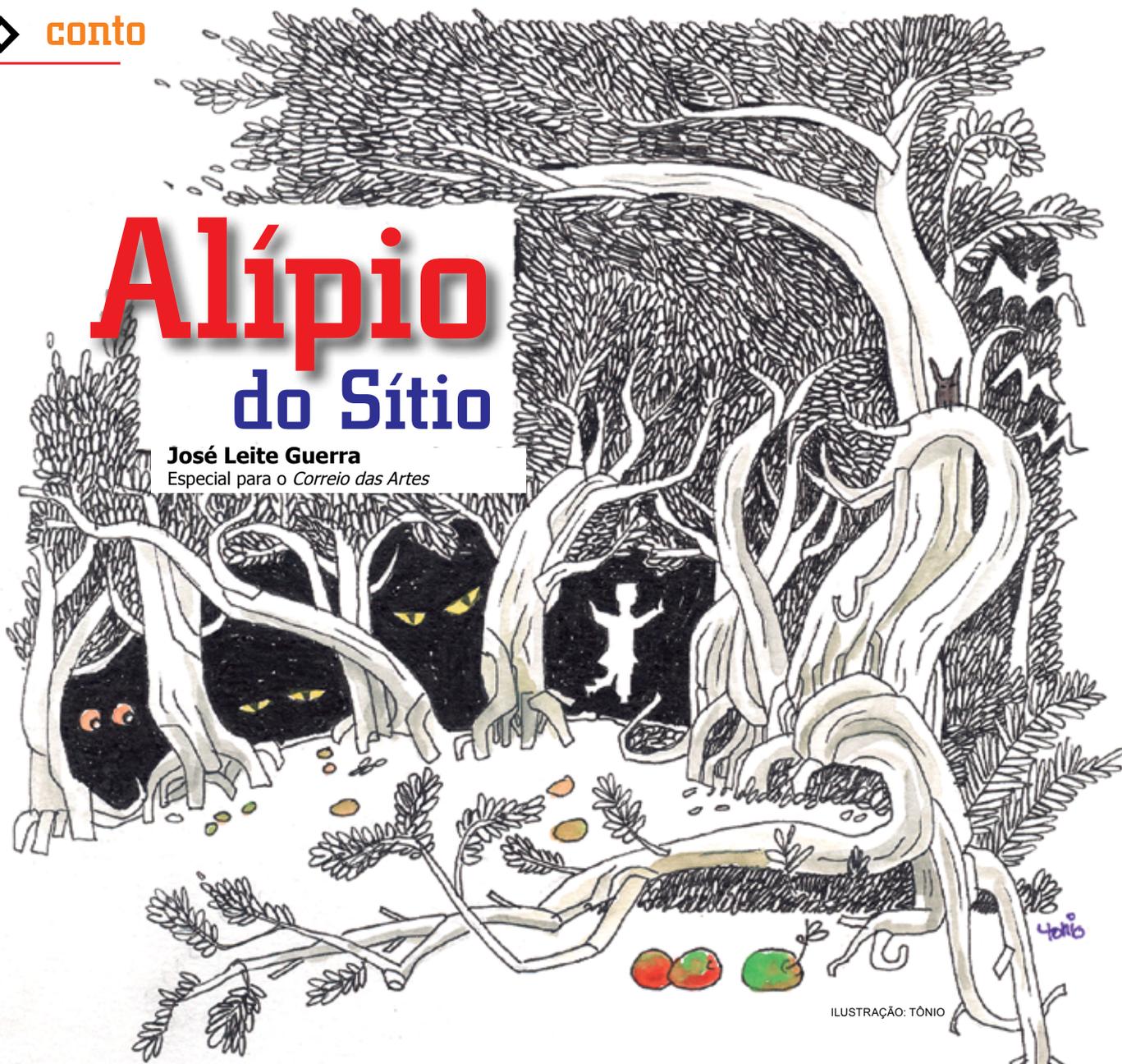
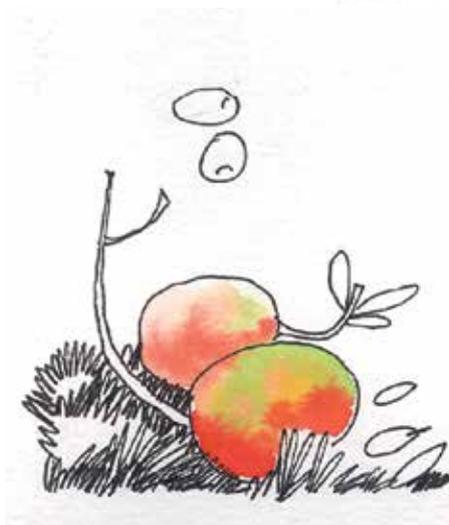


ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Bem que lhe diziam. Mas Alípio insistia em sair na frieza da noite para olhar os pés de manga, ficar sob as folhas enegrecidas pelas sombras. Acendia o cigarro de palha, começava a cantar em língua estranha escutada a léguas. Falava com antepassados, assim pensavam. Uma busca pelas cantigas de viola. Gostava de ficar, com aquele seu jeito de anum molhado, cofiando a comprida barba, sentado ao chão, na calçada de Dona Joaquina, bebendo, aqui, acolá, um trago da melhor cachaça trazida pelo burro de Bastião da Rapadura. Resmungava qualquer coisa, mas ninguém entendia, vezes saía a acompanhar o tilintar das cordas das violas, cantando fora do tom, e se enfurnava entre as mangueiras como se enterrasse seu vulto entre os arbustos entrelaçados.

Dizem que era saudade do filho Dagoberto, que fugira ou sumira, repentinamente, enquanto colhia mangas espadas e rosas, a fim de encher o balaio e ir à feira vendê-las para ajudar o pai. Naquela época, Alípio e Francisquinha eram um casal sentado na harmonia, vivendo um para o outro, indo aos festejos de São José Operário, ela, professora de primeiros ensinamentos à criançada do lugar, ele, improvisador de melodias. Juntavam os arrebanhados ganhos e dava para levarem uma vida atualizada: geladeira, televisão, até um carrinho meia-sola que os transportava a passeios não muito distantes, por precaução de algum imprevisto no cansado fusca. Alípio chorava escondido, olhando o ▶



retrato da primeira comunhão do filho único. Pedia a Santa Rita dos Impossíveis encontrá-lo, seja lá onde estivesse, vivo ou morto. Mas a santa deveria estar bem ocupada, pois, anos decorridos e Dagoberto não voltava. Dona Francisquinha puxava pelo rosário, botando fé nos anjos de sua eleição. Mas nada. A mulher era mais contida. Amarrava o desgosto e o pranto, engolia em seco, suspirava extensamente com uns ais, ais soltos em voz alta que irritavam o marido. Isto não resolve, mulher. Já ficara ele desentendido com as apelações e clamava para dentro a sua saudade que crescia galopante. Deixava a mulher suspeitosa de que havia algo de grave naqueles olhos parados, vidrados como os das imagens do oratório, explodindo num choro de criança desmamada, algumas fugas noturnas que demorou a identificar. O sítio de mangas, refúgio escolhido pelo homem, era mistério nas noites de luas de raios brancos que lambiam o mundo, sendo ouvidas lamentações latidas, assovios, corujas, cães e lobos ou vampiros. Alípio nada temia, nem obedecia a ninguém o conselho: “deixa de frequentar esse lugar de mal assombro. Um dia, te arrependers”.

Alípio divagante debaixo das mangueiras como que a procurar o filho desaparecido. Pululavam passarinhos nervosos nos galhos. Quando em vez um pio de coruja tocava o coração do homem e ele ficava como que petrificado. Mau agouro. Pensava no menino de Beto do Mercado: estava bonzinho, quando, mais que de repente, ficou prostrado em cima da cama, o couro largando, a magreza repentina, nenhum doutor conseguira afugentar a doença. Morreu em poucos dias. Esfriava ao relembrar. A coruja olhando com os olhos fixos denotava uma mensageira de mau agouro. Que seria de Dagoberto? Naquela manhã fatídica do desaparecimento do

rapaz, a mãe escutara um rasgar da ave sobre o telhado da casa. O rasgar da mortalha, como todos entendiam. Besteira, tem fé naquele que nos criou! Alípio, todavia, ficara ressabiado com o sinal. Nada do filho, roteiro algum. Ele sempre falava em viajar para morar na capital, em busca de encontrar um trabalho honroso e de mais ganho. Não faria tal sem avisar, assim de improviso, deixando os pais em ventos tenebrosos. Nunca esqueceria o não chegar, o sol adormecido, a noite cobrindo o mundo com o lençol sombrio, o pranto de Francisquinha gotejando no lenço, gente a acudir o casal, puxando uma esperança esquálida, furta-cor, todos voltados para a dor de Alípio e a mulher, levantando hipóteses em contraste: de vida, de morte, de desaparecimento, de fuga, de luz e de treva.

Os dias escorriam, um ano, dois, Alípio deu para beber, ficava horas no meio das mangas, à espera de um milagre. Francisquinha era medrosa e não acompanhava o marido nesses exílios noturnos e cegos pela escuridão, mesmo que a lua cheia insistisse em varejar por entre galhos alguns raios amortecidos, a claridade era furtiva, incerta, trazendo um palco a assombrações. Alípio não revelava nada a ninguém sobre o sonho que tivera, no dia seguinte do desaparecimento de Dagoberto. Por isso, insistia em comparecer ao pomar de mangas lindas e ficar até a madrugada, em frio ou chuva, em serenos. Tiritava, acendia cigarros, bebia lapadas de cachaça, entregava-se ao sacrifício, incompreendido pelos descrentes em revelações durante sonos: a Bíblia falava em muitos, o de São José, por exemplo. E outros.

Numa noite trancada, trovejou rasante, as pernas iluminadas dos relâmpagos cortaram o céu de nuvens espessas. Alípio estava dormitando, uma soneca de quase meia-noite, saltou sem despertar de todo, procurou

abrigo. Notou-se perdido. Os caminhos se mesclaram. Benzeu-se rápido, apertou o passo, cuidadoso pela modificação repentina das vias do sítio, como se estivesse em lugar estranho, bem desconhecido. De repente um baque. Uma queda amaciada por folhas caídas. Saiu sem destino. As brenhas não lhe ajudavam, mas uma força estranha o atraía, o levava para não sabia onde, e Alípio seguia sem capacidade em sustar os passos amarrados pelo medo, um medo corrosivo, o coração latejando, a busca do desconhecido.

Ainda não raiara o dia, quando se deparou com Dagoberto. Correu, meu filho, meu filho, meu filhinho, que fizeram de ti? Dagoberto estava no chão, chupava uma manga espada, os olhos perdidos num tempo que não era o de Alípio. Este o olhava estático, temeroso em aproximar-se, pois lhe parecia uma visagem ou arcabouço expirante. Duvidava ser o filho sumido: aproximou-se e ficou horrorizado. Se aquele era Dagoberto, não poderia afirmar com certeza, pois estava enrugado como os caules das mangueiras, cabelos longos e brancos, os trajés em farrapos.

Francisquinha, ao notar a demora do marido, naquela manhã tropeçada em ânsias, clamou alto, gritou pedindo socorro, e, logo, invadiram o sítio homens destemidos. Nada encontraram. Até hoje, Alípio do Sítio e o suposto Dagoberto são lembranças. Os caminhos do sítio foram desfigurados e, por incrível que possa parecer, nunca mais as mangueiras brotaram um só fruto. Uma espécie de maldição jamais entendida. Como muitas não contadas, nem mesmo em ficção. ❖

O poeta e contista **José Leite Guerra** é natural de João Pessoa (PB), onde reside. Publicou, entre outros livros, *Boi de fogo e proezas com geringonça* (contos), *Pátio sem sombras* (novela) e *Dança das palavras* (poemas).

Acerto de contas

Cláudio Limeira
Especial para o *Correio das Artes*

ILUSTRAÇÃO: TÔNIO



Dono de uma oficina onde funcionava uma retífica de moedas de velhos engenhos e uma pequena fundição, aliás, única em toda região do agreste, Mané Cão era um especialista em tudo ou quase tudo que fosse relativo a cobre ou bronze. Consertos, até fabricação de alambiques, caldeiras, tachos, caldeirões e mesmo panelas, faziam parte de sua especialidade.

Acontece que ele, apesar do temperamento forte e arrebatado, era generoso e de bom coração. Gostava de uma cachacinha e de um rabo de saia, sendo um dos mais assíduos frequentadores da Rua do Cajueiro, nome do cabaré único de Serra Bonita, onde deixava uma boa parte do apurado que entrava na sua ofi-

cina, mas precisamente no bar de Nizinha, rapariga fogosa que mexia com seu sofrido coração solitário. Já andava quase pelos cinquenta, mas nunca se enganchara com mulher dessas que pudessem resultar em casório. É bem verdade que na juventude tivera uma mancebia até duradoura, e que lhe dera um casal de filhos. Estavam separados há muito em razão das constantes brigas que iam a cada dia esticando a corda. Não se suportavam mais e a ligação partiu-se para alívio dos dois. A verdade é que ele gostava mesmo era da boemia descompromissada, nos braços das perdidas, para ele muito bem achadas, secando garrafas e varando noites. ▶

› Ocorre que o tempo é cheio de armadilhas e artimanhas, com o dedo do tinhoso querendo traçar caminhos. E quando Mané Cão menos espera estava cada dia mais apegado à saia de Nizinha, já sentindo até sintomas de ciúme, em pouco tempo já queria impor exclusividade. Ela relutava, ele roía. Propôs tirá-la do cabaré, mas ela jamais podia imaginar uma vida fora dali. O amor foi aumentando e a paixão foi perdendo o freio a ponto de pedi-la em casamento. As coleguinhas vibraram e fizeram festa, mas ela não arredava o pé: “tava bom assim mesmo”. Ninguém mais conhecia aquele Mané Cão, antes tão determinado nas coisas, e agora triste pelos cantos, olhar perdido, desnorteadado. Uns diziam que só podia ser coisa feita. Dava pena vê-lo em tal estado. As reparigas solícitas fizeram uma espécie de embaixada e foram confabular com Nizinha uma saída honrosa que o caso requeria. Ela mandou chamar Mané Cão e disse-lhe que aceitava mediante uma condição: casava, saía do Cajueiro desde que pudesse montar um bar aonde quer que fosse morar. Mané Cão concordou de pronto. Mesmo sabendo que ele não tolerava padre nem gostava de igreja, Nizinha fazia questão de casar no religioso. Era questão fechada, logo ela devota de Santa Terezinha!

Foi um estouro de festa. As putas se abraçavam, riam e choravam ao mesmo tempo. Nunca houvera tanta felicidade na Rua do Cajueiro. Dava pra antever o que não seria na festa propriamente dita!

Os preparativos demoraram dias, as amigas empenhadas nos bordados e confecções de vestidos, flores, buquês e tudo que se possa imaginar para um casamento que se preze.

Até que chega o dia. Nizinha vestida de noiva, acompanhada por um séquito de reparigas, todas vestidas com sobriedade respeitosa e reprimida. Ocuparam os primeiros bancos. Mesmo sendo dia de semana não podia faltar o contingente de bêbados e boêmios, marceneiros, eletricitas, mecânicos, motoristas, sapatiteiros, enfim, toda a classe laboriosa que sustentava a economia do Cajueiro. Nenhum político

apareceu por razões óbvias. Foi uma pena, logo os mais assíduos! Não fizeram falta. Afinal, a ingratidão é assim mesmo.

Tudo fora previamente organizado pra sair nos conformes, logo ela que era uma forte devota de Santa Terezinha. O que mais chamava atenção era a cara do padre, sujeito esnobe e preconceituoso. Pensara em tudo para botar obstáculo no enlace, mas nada pôde fazer para obstaculizar o evento. Os dois eram desimpedidos e nada havia que pudesse ferir os preceitos canônicos. Além do mais, Mané Cão era uma pessoa bem quista e remediada. Todos o respeitavam em Serra Bonita. Tinha um temperamento forte, é certo, mas isso era do seu feitio, e em nada o desabonava, muito pelo contrário, isso só fazia aumentar ainda mais a sua reputação de homem sincero e de palavra.

Após a cerimônia era grande a ansiedade das meninas para ver quem ia pegar o buquê da noiva que, depois de grande rebuliço, foi cair nas mãos de Maria Boa.

A festa durou o dia inteiro e entrou pela noite. Começou com a despedida de Nizinha do cabaré e das colegas, e terminou na nova casa quando já apareciam os primeiros raios de sol. Muita comida, muita bebida. Os bêbados e bêbadas se amontoavam pelos quatro cantos da casa. O forte cheiro de azedo vinha do banheiro empossado de vômitos. Mas afinal tudo isso era sinal de fartura, de sucesso. Se botavam pra fora é porque tinha demais.

O bar fora reaberto bem perto da nova morada, passando apenas poucas casas da sua, mas, em pouco tempo, Mané Cão conseguiu comprar um ponto maior e mais central, construiu um primeiro andar onde fizeram o seu ninho. Embaixo ficou o bar com uma área ampla e mais espaço para um reservado e depósito de bebidas.

As coisas pareciam correr bem, o bar com nova freguesia, que agora incorporava clientes do centro da cidade, incluindo comerciantes, funcionários públicos, muitos antigos *habitués* da Rua do Cajueiro. Podia-se dizer que os negócios iam de vento em popa, mas notava-se que havia no ar uma estranha sensação de que

faltava alguma coisa. Era como se o espírito de Nizinha tivesse ficado na Rua do Cajueiro. Mas a vida corria solta e Mané Cão, apesar do seu jeito rude, continuava tratando-a muito bem. O amor e a amizade dos dois, agora amadurecidos, continuavam num céu de brigadeiro. Por terem temperamentos difíceis, era quase impossível não haver uma briguinha aqui, ali, para quebrar a monotonia dos dias e avivar a chama do pavio do amor.

Aos poucos Nizinha foi se enturmando com as outras fiéis da igreja. As mais pobres já eram suas velhas conhecidas, mas tinham as outras metidas a besta, preconceituosas, como as madames.

Não demorou muito, sendo ela comerciante, simpática e muito comunicativa, a ser aceita pelas mulheres da sociedade, que já a conheciam como devota da padroeira e agora casada como manda a santa madre igreja. Participava ativamente das atividades paroquiais, mesmo que a olhassem de viés.

Acontece que tinha recôndita uma mágoa que roía-lhe o espírito rebelde. Nunca fora de levar desaforo para casa e nisso batia com o marido. E mágoa é um bicho que cresce na proporção do ódio que vai se comprimindo com o tempo, e vai esquentando como panela de pressão, inchando feito sapo cururu.

Depois de pouco tempo de casada, ela fora convidada pelo vigário, junto às demais fiéis para participar da decoração dos altares com toalhas e bordados, em louvor a Santa Terezinha. Varou noites e ocupou as horas vagas bordando flores em ponto de cruz. Deu até o que falar de tão bem trabalhado que ficou. As beatas enfeitaram os altares. Tudo um brinco!

No domingo, às vésperas da festa da padroeira, o padre Josa soltou sua verve preconceituosa no sermão. Derramou-se em elogios aos altares das mulheres do juiz, do prefeito, do farmacêutico e das figuras de maior destaque na sociedade. Belos arranjos, muita criatividade e inteligência, porém... Pena que teve um altar forrado do mais puro mau gosto por um bordado de orquídeas. Ah! Mas logo ›

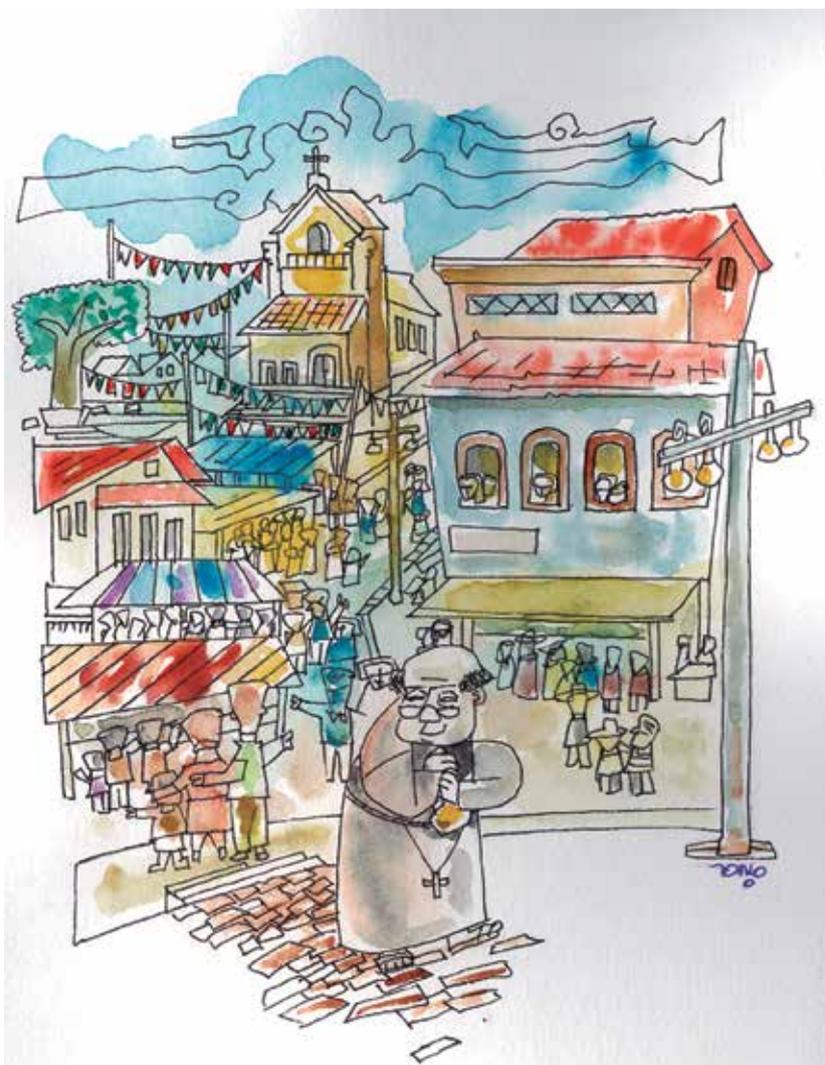
▶ orquídeas! – e soltou um risinho maléfico. - Para quem não sabe essas flores são falsas, são parasitas da natureza e – completou - elas são por assim dizer as prostitutas das flores.

Nizinha entendeu o recado. Aquilo tinha endereço certo: ela! Era a resposta pelo casamento que ele fizera a contra gosto. As caninanas do mundo todo incharam na sua garganta. Saiu chorando em silêncio, quase não chega em casa, com as pernas bambas querendo não obedecer. Nem em toda sua vida de rapariga se sentiu tão humilhada. Mané Cão encontrou-a prostrada, caída na cama, os olhos inchados de tanto chorar. Qué que tu tem mulher, vamos pro médico, não, nada disso, num foi nada não, mas como num foi nada não, com tu desse jeito, mulher? Nada não Mané!

Vendo o marido em desespero e sabendo do seu temperamento explosivo, resolveu abrir o jogo desde que ele jurasse se conter. Era assunto dela e só ela própria saberia resolver no tempo devido.

EE o tempo foi passando célere como água que escorre das mãos, como se ninguém notasse. Havia na cidade sinais visíveis de progresso. A oficina de Mané Cão ia de vento em popa. O bar de Nizinha não ficava por baixo. Corria longe a fama dos seus tira-gostos: rabada, picado, feijoada e, na sexta, caldo e pirão de peixe. E ainda tinha o sopão caprichado “Levanta defunto”, que salvava os comerciários retardatários e demais trabalhadores de pouco dinheiro, sem falar dos bêbados que já começavam a adernar no fim da tarde.

Enquanto isso padre Josa encetara uma campanha para aquisição de donativos para a reforma da paróquia. Claro que o primeiro item era grana. Depois vinha uma hierarquia crescente de valores: doações disso, daquilo. A comissão andou passando pela oficina de Mané Cão e, sabendo que ele não estava, foi feito um pedido de uns pesos de bronze para o relógio da igreja que acabara de ser restaurado. O filho de Mané, que era meio aluado pra essas coisas, atendeu de pronto o pedido do vigário.



A festa da padroeira era um dos maiores acontecimentos do ano. Juntava gente tanto de Serra Bonita quanto de toda a redondeza. Era a vez do comércio, principalmente o mais miúdo, bares, bodegas, fiteiros...

Acontece que o padre, em conluio com o prefeito, sem consultar ninguém, concentrou a festa dita profana, nas ruas mais centrais, beneficiando o comércio dos endinheirados. Evidente que as ruas tradicionais que ficaram fora sofreram com o movimento vasqueiro.

Após a festa, padre Josa saiu agradecendo as contribuições, até que esbarrou no bar de Nizinha para também agradecer a colaboração nos arranjos ornamentais da igreja, mas foi logo dando de cara com Mané Cão. O vigário então aproveitou para falar dos pesos do relógio. E Mané: aquilo não fui eu não, foi obra do leso daquele meu filho, tudo que sai dali custa dinheiro, eu nem gosto de igreja e muito menos de padre, tudo que sai dali tem que ser pago. Padre

Josa, resabiado, arriscou uma conversa mole: e o apurado da festa foi bom? E Mané, com seus inconfundíveis destemperos: a depender dessa festa o dinheiro que se apurou aqui, até ontem, que foi o encerramento, somando tudo, não dá pra comprar nem uma gilete pra raspar a buceta de Nizinha. Chocado, o vigário tratou de se escafeder pela outra porta, procurando terra nos pés. Embora já na calçada deve ainda ter ouvido o vozeirão de Mané, gritando pra Nizinha que estava lá pra dentro do bar:

- Gostou, Nizinha?

E ela toda sorridente, e de peito lavado, respondeu a todo vapor:

- A-DO-REI, AMOR!!! ✶

Cláudio Limeira é professor, poeta e contista. Editou o *Correio das Artes* de 1997 a 2002. O conto acima faz parte do livro inédito *Sussurros na madrugada e outros contos*. Mora em João Pessoa (PB).

O redator de obituários

Francisco Gil Messias

Especial para o *Correio das Artes*

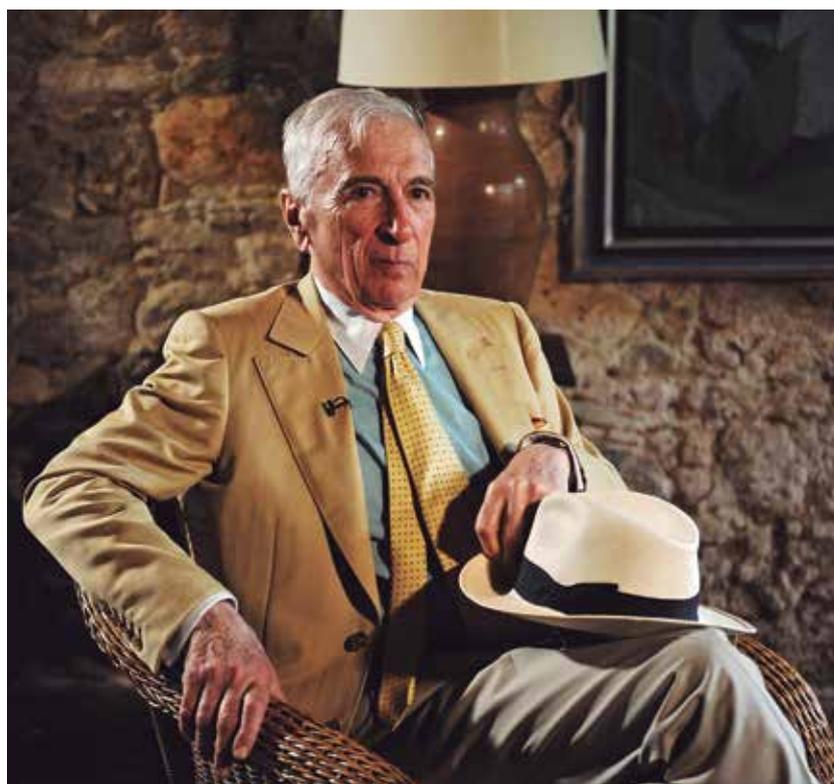
Existem certos tipos de trabalho que a gente nem imagina. Dia desses deparei-me com um texto do jornalista e escritor americano Gay Talese sobre um obituarista do jornal *New York Times* e fiquei pensando no exotismo da atividade desses profissionais um tanto mórbidos.

Os grandes jornais, revistas e redes de televisão costumam ter, entre seus redatores, alguém encarregado de preparar e escrever, normalmente com antecedência, o obituário de figuras de algum modo im-

portantes ou célebres, que façam jus a essa forma de publicidade póstuma. Esse redator especializado é o obituarista. Geralmente, é claro, só merecem obituário políticos e empresários poderosos, artistas famosos e celebridades que ainda não tenham sido esquecidas por ocasião do óbito. Como se sabe, a morte de gente comum não recebe tal honraria, no máximo algum registro na página policial, quando é o caso.

Tendo se aprofundado no tema, Gay Talese identificou algumas peculiaridades dos obituaristas, que agora repasso ao meu eventual leitor que não tenha tido ainda a oportunidade de ler o trabalho do jornalista e escritor americano.

Inicialmente, deve-se ressaltar que um autêntico obituarista vive com a morte dos outros na mente. O tempo todo, desde que acorda e toma o café da manhã lendo alguns jornais do dia, indo de carro ou de metrô para o trabalho, almoçando ou jantando com um amigo, o obituarista permanece sempre atento a qualquer notícia sobre o falecimento já consumado ou apenas previsível de alguém que mereça um obituário. É uma verdadeira obsessão, que não raro prejudica as relações afetivas e pessoais do profissional, o qual, não sendo um reles amador, deve possuir em seu arquivo um obituário já pronto dos candidatos mais óbvios a essa distinção, como famosos idosos e/ou enfermos, pois, como notou Gay Talese, para um obituarista “não existe nada pior do que a morte de uma personalidade mundial antes que se tenha tido tempo de atualizar seu obituário.” Daí que a morte repentina de alguém que não possua obituário pronto, alguém ainda moço e em gozo de plena saúde, por exemplo, constitui o inferno de todo obituarista, pois este vai ter de colher material e compor um texto em cima ▶



O jornalista e escritor norte-americano Gay Talese identificou algumas peculiaridades do obituarista, profissional que “vive com a morte dos outros na mente”



► da hora (ou em cima do caixão), o que, dependendo do morto, às vezes é bem difícil. O obituarista só fica realmente tranquilo quando consegue fazer seu trabalho antes que a pessoa morra, obediente à máxima segundo a qual “seguro morreu de velho”.

Um cacoete profissional dessa turma: depois de ter escrito e lido várias vezes o obituário de algum famoso ainda vivo, o obituarista começa a pensar que essa pessoa de fato já morreu, internaliza mesmo essa morte ainda não ocorrida, criando, para si e para outros, situações verdadeiramente embaraçosas. E pior: não consegue reprimir o inconfessável desejo de que a pessoa efetivamente morra, a fim de gozar o orgulho demasiadamente humano de ver seu texto publicado. Não bastasse isso, os demais jornalistas da redação muitas vezes fazem um bolão de apostas sobre quem das pessoas com obituário já pronto vai morrer primeiro, o que, convenhamos, definitivamente não é algo que possa ser considerado de bom gosto.

O obituário, que talvez possa ser incluído no gênero do jornalismo literário, é muito parecido com o perfil. Com uma fundamental diferença: enquanto aquele refere-se necessariamente

a pessoas mortas, este obrigatoriamente só se aplica a pessoas vivas. Outra observação: tanto o obituário como o perfil não são biografias; são textos de certo modo biográficos, claro, mas não têm – nem podem ter – a pretensão de esgotar a vida, a história e a personalidade do(a) personagem apresentado(a) aos leitores. Para completar, e como já dito acima, o obituário é sempre sobre alguém famoso, poderoso ou importante em alguma medida; já o perfil, não, ele pode tratar de pessoas anônimas, desde, naturalmente, que despertem o interesse do autor e aceitem se tornar personagem de um texto dessa natureza. Como bem registra o jornalista Sergio Vilas-Boas, autoridade no assunto, o perfil atém-se à individualidade, mas não se restringe ao individualismo anedótico, folclórico, idiosincrático.

A escritura tanto de obituários como de perfis não é tarefa fácil, como pode parecer aos menos avisados. Talvez o perfil seja mais difícil, por ser mais literário do que jornalístico. De qualquer maneira, ambos exigem do autor criatividade, arte, informações substanciais, sensibilidade e bom domínio da língua. Escrever sobre pessoas, mortas ou vivas, constitui sempre coisa muito

séria. É para profissionais.

Voltando ao obituarista, enfim, ele é sempre uma figura especial. Ou assim se torna com o exercício da profissão, pois não se vive impunemente nesse estranho mundo dominado pela morte. E, por ironia e a despeito de escrever textos muito lidos e não raro elogiados por suas qualidades literárias, o obituarista é, de modo geral, um completo anônimo, pois os obituários não costumam ser assinados por seus autores. Nesse sentido, ele, apesar de singular, é uma pessoa igual ao comum dos mortais.

O trabalho de Gay Talese, perfeito sob todos os aspectos, deixou-me entretanto uma dúvida que, para concluir, partilho com o leitor eventualmente curioso: haverá por acaso alguém que escreva o obituário do obituarista? Mesmo anônimo, merecer, ele certamente merece. ■

Francisco Gil Messias, paraibano da capital, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Direito do Estado, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro da Academia Paraibana de Filosofia e do Instituto de Estudos Kelsenianos. Publicou os livros *Olhares - poemas bissexto* e *A medida do possível (e outros poemas da Aldeia)*. Mora em João Pessoa (PB).



124
Anos

2017

uma nova História
para uma nova

A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6526

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518

 **A UNIÃO** Superintendência de Imprensa e Editora

www.paraiba.pb.gov.br |    [uniaogovpb](https://www.facebook.com/uniao.gov.br) |  uniaogovpb@gmail.com

**O SENAC JÁ TRANSFORMOU A VIDA
DE MILHÕES DE BRASILEIROS.
E ESSA HISTÓRIA ESTÁ APENAS COMEÇANDO.**

binder



Em 70 anos, o mundo não parou de mudar. O Senac também não. Por isso, capacitamos milhões de brasileiros em nossos cursos presenciais e a distância, investimos em infraestrutura, desenvolvemos tecnologia, produzimos conhecimento com a publicação de materiais didáticos e contribuimos para o crescimento de empresas com nossas consultorias. Assim, provocamos verdadeiras transformações de vidas, com reflexo imediato no mercado que recebe profissionais muito mais qualificados e preparados.

SENAC 70 ANOS. ESTA HISTÓRIA ESTÁ SÓ COMEÇANDO.

